

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

Guilherme Maier Miranda

**TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR: O DESAFIO DE
INSTITUIR PROCESSOS DE TRABALHO EM PARCERIA**

**Santa Maria
2018**

Guilherme Maier Miranda

**TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR: O DESAFIO DE
INSTITUIR PROCESSOS DE TRABALHO EM PARCERIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Serviço Social**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Nunes da Rosa Mangini

Santa Maria, RS

2018

Guilherme Maier Miranda

**TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR: O DESAFIO DE INSTITUIR
PROCESSOS DE TRABALHO EM PARCERIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Serviço Social**.

Aprovado em 13 de dezembro de 2018:

Fernanda Nunes da Rosa Mangini, Dra. (UFSM)
(Presidenta/Orientadora)

Cristina Kologeski Fraga, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

DEDICATÓRIA

A minha família, minha mãe Ester Alves Maier, meu pai Antonio Marcos da Maia Miranda (in memorian) e irmãos Cassiano Maier Miranda, Luciano Maier Miranda e Antonio Marcos Maier Miranda. Dedico também às minhas avós Maria Sebastiana Alves Pereira e Telma Aparecida da Maia Miranda, exemplos de amor, perseverança e luta, que me inspira até hoje.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho decorreu, devido a vários fatores e, sobretudo através do auxílio e colaboração de pessoas queridas e especiais. Agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira, direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste estudo e, portanto, de modo especial, agradeço:

- à Deus por ter me concedido saúde e forças para superar todas as adversidades;
- à minha mãe Ester Alves Maier, mulher guerreira, batalhadora, de muita garra, luta e fibra, que mesmo tendo de enfrentar inúmeras dificuldades para criar e educar sozinha quatro filhos, nunca desistiu de nenhum de nós. Obrigado por ser um exemplo de ser humano e mulher, se eu jamais desisti saiba que você é parte incondicional deste momento;
- à minha orientadora Fernanda Nunes da Rosa Mangini, pela dedicação, empenho, carinho, acolhida, principalmente por acreditar no meu potencial mesmo quando eu mesmo já não o fazia, e me incentivar, grato pela orientação;
- à professora Cristina Kologeski Fraga, pela oportunidade de participar do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Violência e Serviço Social (NEPEVIS), sobretudo pelo carinho, acolhida, respeito e admiração que despertou em todos nós;
- ao meu companheiro Geferson Silva Stromm, por compreender a minha ausência e apoio em todos os momentos;
- às colegas e amigas Ana Luiza Trindade Rodrigues, Camila Tayna Turra, Debora Rodrigues dos Santos Flores, Cristiane Rodrigues da Fonseca e Nathalia Escobar de Araujo que estiveram ao meu lado durante toda essa jornada, sempre dispostas a me apoiar e incentivar;
- aos meus amigos e demais familiares que de alguma maneira cooperaram na realização deste sonho;
- à Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade de transformar significativamente minha vida, através de uma educação pública, gratuita e de qualidade;

- aos demais professores e funcionários do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria por auxiliarem na minha formação e obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social;

Enfim a todas as pessoas que são especiais em minha vida e colaboram para eu ser a pessoa que sou, e que ainda virei a ser, meu muito obrigado.

“Conviver é sempre abrir mão de elementos da minha liberdade, esperar que os outros abram mão de um pouco de liberdade deles e, juntos, possamos achar um ponto onde ‘nós’ seja possível.”

Leandro Karnal

RESUMO

TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR: O DESAFIO DE INSTITUIR PROCESSOS DE TRABALHO EM PARCERIA

AUTOR: Guilherme Maier Miranda
ORIENTADORA: Fernanda Nunes da Rosa Mangini

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um estudo, elaborado a partir de uma revisão bibliográfica sobre o trabalho em equipe, que tem como substrato a vivência de estágio na Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPECAN). Desde o início do estágio, através da observação das relações de trabalho, identificou-se a necessidade de trabalho em conjunto e a dificuldade de instituir processos de trabalho em parceria. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar possibilidades de estimular o trabalho em equipe interdisciplinar, demonstrando que é imprescindível a discussão sobre trabalho em equipe e interdisciplinaridade, com o intuito de trazer embasamento teórico-metodológico e técnico-operativo a fim de instrumentalizar o trabalho em equipe interdisciplinar. Este trabalho encontra-se ancorado na teoria social crítica, uma vez que leva em consideração os debates históricos e sociais na construção do conhecimento, bem como dos processos de trabalho. Dessa maneira, compreende-se que o trabalho em equipe interdisciplinar é, também expressão das relações desiguais existentes em sociedade. O assistente social tem um papel importante no trabalho em equipe, em virtude de sua formação generalista, além disso realiza uma leitura dos aspectos sociais e históricos da realidade, colaborando para o trabalho em equipe interdisciplinar. Os resultados obtidos revelam a conveniência do trabalho em equipe interdisciplinar, diante da complexidade da realidade e frente a crescente fragmentação do conhecimento, como também contribui para melhorar a percepção sobre as atribuições e papéis profissionais. Deste modo, conclui-se que o trabalho em equipe interdisciplinar é importante forma de enfrentamento aos trabalhos superespecializados, da mesma maneira que contém as desigualdades impostas pelo modo de produção e reprodução das relações sociais, o que faz necessário além da vontade propriamente dita, condições sociais para a sua concretização. Nesse sentido, é fundamental a realização de novos estudos para incentivar o trabalho em equipe interdisciplinar e agregar novas ferramentas ao trabalho em conjunto.

Palavras-chave: Trabalho em equipe. Interdisciplinaridade. Serviço Social.

ABSTRACT

INTERDISCIPLINARY TEAMWORK: THE CHALLENGE OF INSTITUTING WORK PROCESSES IN PARTNERSHIP

**AUTHOR: GUILHERME MAIER MIRANDA
ADVISOR: FERNANDA NUNES DA ROSA MANGINI**

This course conclusion paper presents a study, elaborated from a bibliographic review on teamwork, which has as substrate the experience of internship in the Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPECAN). Since the beginning of the internship, through the observation of work relations, we identified the need to work together and the difficulty of instituting work processes in partnership. In this sense, the present study aims to identify possibilities of stimulating interdisciplinary teamwork, demonstrating that the discussion about teamwork and interdisciplinarity is essential, with the aim of bringing Theoretical-Methodological and technical-operative basis in order to instrumentalize interdisciplinary teamwork. This work is anchored in critical social theory, since it takes into account the historical and social rebeats in the construction of knowledge, as well as of the work processes. Thus, it is understood that interdisciplinary teamwork is also an expression of the unequal relationships existing in society. The social worker plays an important role in teamwork, due to his generalist education, and also performs a reading of the social and historical aspects of reality, collaborating for interdisciplinary teamwork. The results reveal the convenience of interdisciplinary teamwork, in the face of the complexity of reality and the increasing fragmentation of knowledge, as well as contributing to improve the perception of the attributions and roles Professionals. Thus, it is concluded that interdisciplinary teamwork is an important way of coping with superspecialized work, in the same way that it contains the inequalities imposed by the mode of production and reproduction of social relations, which makes Necessary beyond the will itself, social conditions for its realization. In this sense, it is essential to carry out new studies to encourage interdisciplinary teamwork and to add new tools to work together.

Keywords: Teamwork. Interdisciplinarity. Social Service.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OCDE.....	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
UNESCO....	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
AAPECAN.....	Associação de Apoio a Pessoas com Câncer
ONGS.....	Organizações Não Governamentais
OSCS.....	Organizações da Sociedade Civil
OSCIPS.....	Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo geral:	14
1.2.2 Objetivos específicos:	14
1.3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.4 METODOLOGIA	16
2 DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E TÉCNICO-OPERATIVAS DO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR	17
2.1 A REESTRUTURAÇÃO DO CAPITALISMO E A ÊNFASE NO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR	18
2.2 O CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE E DE TRABALHO EM EQUIPE.....	24
2.3 O DEBATE TEÓRICO DA INTERDISCIPLINARIDADE E DO TRABALHO EM EQUIPE ..	29
2.4 METODOLOGIAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR	34
2.5 DIFICULDADES E DESAFIOS AO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR	37
3 O TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR: APORTES TÉCNICO-OPERATIVOS	42
3.1 A INTERDISCIPLINARIDADE COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DA REALIDADE.....	43
3.2 A INTERDISCIPLINARIDADE COMO MÉTODO DE TRABALHO EM EQUIPE MULTIPROFISSIONAL	47
3.3 TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR POSSIBILIDADES E LIMITES EM DIFERENTES ESPAÇOS SÓCIO-OCUPACIONAIS.....	51
3.3.1 Setor Público	52
3.3.2 Setor Privado	54
3.3.3 Terceiro Setor	57
4 ESPAÇO OCUPACIONAL, O SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO SOCIAL NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO A PESSOAS COM CÂNCER - AAPECAN:	60
4.1. ESPAÇO SÓCIO-OCUPACIONAL E SERVIÇO SOCIAL NA AAPECAN.....	60
4.2. APREENSÃO DA QUESTÃO SOCIAL NO ESPAÇO INSTITUCIONAL.....	65
4.3. PROJETO DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DE DINÂMICAS DE GRUPO.....	67
4.3.1. 1º Dinâmica: “teia da vida”	69
4.3.2. 2º Dinâmica: “pizza”	70
4.3.3. 3º Dinâmica: “encontrando significados”	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de uma articulação com o processo de estágio vivenciado na Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPECAN), entidade beneficente que atende a pessoas em tratamento oncológico e seus familiares que se encontram em situação de risco e/ou vulnerabilidade social. Também tem relação com o projeto de intervenção, que surgiu como uma proposta de mediação multiprofissional no trabalho com grupos que até então se dava de maneira isolada.

No estágio observou-se a dificuldade de se construir um processo de trabalho coletivo e cooperativo, por parte de alguns profissionais da instituição, visto que havia alguns problemas de relacionamento pessoal entre os mesmos, assim como concepções equivocadas de que o trabalho entre a área de conhecimento da psicologia e a área de conhecimento do serviço social, por exemplo, não devem e não podem dar-se de maneira conjunta. Ao mesmo tempo, haviam relações desiguais de poder entre as áreas profissionais pela defesa de hierarquias e pela disputa em torno da gestão da instituição.

Outra questão importante a elencar é que existe uma lacuna no fazer profissional, no sentido de vivências e estratégias de atuação, principalmente em equipe, bem como, pouca produção teórica sobre trabalho em equipe no aspecto propositivo, o que no dizer de Yamamoto (1998, p. 20):

Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo.

Nesse sentido, chegou-se à conclusão da importância de se discutir o conceito de interdisciplinaridade e seus correlatos, pensando na qualificação de ações, buscando melhorar os processos de trabalho, bem como a relação entre os diferentes profissionais. Além disso, pode-se vir a refletir:

- a) A possível contribuição que o trabalho em equipe interdisciplinar pode vir a trazer;
- b) Por que a temática é importante?
- c) O que significa trabalhar de forma pluralista?
- d) Se é ou não, ecletismo trabalhar de maneira interdisciplinar?

1.1 JUSTIFICATIVA

Existem limitações desde o período de formação dos profissionais, o que promove o isolamento do saber em disciplinas/áreas de conhecimento, hierarquizando saberes, reforçando *status* profissionais diferenciados e, conseqüentemente, dificuldades em gerar um perfil profissional que considere a integralidade dos saberes. (SILVA; LIMA, 2012).

Atuar em equipe multiprofissional exige profissionais críticos e reflexivos, com formação que atenda a diversidade da realidade que envolve o seu cotidiano de trabalho (SILVA; LIMA, 2012), assim como, que busquem compreender a realidade de cada usuário, para que se possa desenvolver uma visão mais integral.

Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar surge como uma proposta de integração e troca de saberes entre os diversos profissionais do campo, na busca da apreensão da realidade de trabalho na perspectiva de totalidade, no conhecimento dos processos de trabalho e das demandas e necessidades dos usuários.

A atividade interdisciplinar apresenta como característica uma construção partilhada dos processos de trabalho, envolvendo todos os sujeitos na solução das adversidades, e busca a materialização de formas de intervenção que atendam as demandas da população, sem a reprodução de práticas mecanicistas, autoritárias e descompromissadas.

O emprego da interdisciplinaridade exige ações ligadas à reflexão crítica, uma prática comprometida com a concepção de totalidade, sem deixar de lado as áreas de conhecimento. Requer aceitação dos profissionais envolvidos na partilha de informações e da problematização de fronteiras entre as diversas áreas de conhecimento, o que implica a criação de estratégias com vistas a superar a lógica de trabalho assentada na produtividade e em respostas imediatas às demandas.

Os profissionais de equipe multiprofissional precisam estar adequados às necessidades atuais, ou seja, devem romper com a fragmentação do saber e buscar em seu cotidiano de trabalho reciprocidade nas relações profissionais, com perspectivas e estratégias comuns que vise alcançar à interdisciplinaridade.

Muito mais do que um amontoado de especialistas com suas áreas de conhecimento, postos um ao lado de outro, ou a sobreposição de várias disciplinas, a interdisciplinaridade é uma relação de horizontalidade entre os diversos profissionais de uma equipe multiprofissional, partícipes conjuntamente de ações e

estratégias de trabalho que possuam objetivos político-profissionais convergentes, de modo que cada profissional contribua com seus saberes, de maneira crítica e criativa. (MOREIRA, 2017).

Pensar a interdisciplinaridade é ir além do que está meramente posto, é refletir sobre novas formas de interação, é andar mais a frente da própria formação profissional fechada em uma “caixinha”, requer profissionais atentos no que diz respeito às demandas dos usuários, como também as mudanças sociais. Dessa maneira, segundo Japiassu (apud FAZENDA, 1991, p. 35), “a atitude interdisciplinar nos ajuda a viver o drama da incerteza e da insegurança. Possibilita-nos dar um passo no processo de libertação do mito do porto seguro”.

O termo interdisciplinaridade conforme Fazenda (1991), não possui um sentido único e estável, mesmo que, embora seus sentidos terminológicos sejam muitos, seu princípio é sempre o mesmo, ou seja, caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os profissionais e pela integração das disciplinas num mesmo objetivo.

Diante disso, fica clara a necessidade de os profissionais passarem por uma transformação interna, para que dessa maneira possam criar condições exteriores, tornando possível uma transformação do mundo do saber. O que torna imprescindível a busca de aportes que facilitem a comunicação entre os profissionais e o trabalho em equipe multiprofissional, assim como demanda conhecer os conceitos de interdisciplinaridade, a metodologia de trabalho interdisciplinar e as ferramentas para favorecer a troca, o diálogo e a interação entre os sujeitos envolvidos.

Existe muita produção teórica sobre interdisciplinaridade, mas pouca produção com subsídios para a construção do trabalho em equipe multiprofissional, o que é fundamental para as profissões interventivas, mais ainda para aquelas que se inserem nas equipes multiprofissionais no âmbito de áreas como assistência social, saúde, habitação, etc. É o caso do assistente social, do enfermeiro, do psicólogo, entre outros. Nesse sentido, o estudo visa contribuir para o trabalho em equipe multiprofissional numa perspectiva interdisciplinar, entendendo que através de práticas interdisciplinares pode haver uma qualificação nas ações.

Assim, realizar este trabalho pode contribuir para oferecer elementos ao serviço social na viabilização do trabalho interdisciplinar, com destaque para o pioneirismo dessa área em promover a colaboração e a cooperação entre os

profissionais, na garantia do pluralismo, conforme traz o Código de Ética em um de seus princípios fundamentais:

VII. Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual. (CFESS, 2012, p. 24).

Ainda para dar subsídios teórico-práticos para a solução de problemas e o incremento do trabalho em equipe interdisciplinar, assim como, pode colaborar com métodos críticos reflexivos sobre os processos de trabalho.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral:

Identificar possibilidades de estimular o trabalho em equipe interdisciplinar.

1.2.2 Objetivos específicos:

- a) Compreender o conceito de trabalho em equipe e seus correlatos;
- b) Identificar metodologias e ferramentas para promover trabalho em equipe;
- c) Caracterizar as principais dificuldades e desafios do trabalho em equipe interdisciplinar;
- d) Construir uma proposta teórico-prática de fomento ao trabalho em equipe.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO

A vertente social crítica é uma perspectiva dos estudos sobre a interdisciplinaridade que dará subsídio a presente discussão, e está pautada no referencial teórico marxista dialético. Essa vertente parte do entendimento que a construção histórico-social interfere no desenvolvimento do objeto do conhecimento, bem como na compreensão desse objeto, aceitando-se, dessa maneira, a tensão entre o sujeito pensante e as condições objetivas (materialidade) para o pensamento.

Essa vertente elabora uma crítica ao que ficou conhecido como filosofia do sujeito¹, presente na reflexão sobre interdisciplinaridade, que segundo Jantsch e Bianchetti (2011) é o pilar e a maior demonstração da compreensão a-histórica relativa à interdisciplinaridade.

Não se nega as possíveis contribuições da filosofia do sujeito na produção historicamente acumulada do conhecimento. Entretanto, não há na filosofia do sujeito estrutura suficiente para caracterizar a construção histórica do objeto “interdisciplinaridade” (JANTSCH; BIANCHETTI, 2011).

Nesse sentido, há a necessidade de se refletir quando e em quais condições que a filosofia do sujeito - baseada na parceria = interdisciplinaridade = redenção do pensamento e conhecimento - não se sustenta, visto que conforme essa filosofia à interdisciplinaridade possui os seguintes pressupostos:

- a) A fragmentação do conhecimento leva o homem a não ter domínio sobre o próprio conhecimento produzido;
- b) A fragmentação do conhecimento é, um mal em si, que só pode ser superado pelo ato de vontade do sujeito;
- c) A interdisciplinaridade só é fecundada no trabalho em equipe, onde se forma uma espécie de sujeito coletivo;
- d) O sujeito coletivo é capaz de viver a interdisciplinaridade em qualquer espaço de atuação, sendo capaz de curar qualquer grau de enfermidade relativa ao conhecimento;
- e) A produção do conhecimento estará garantida, através do trabalho em parceria, independente da forma histórica como se deu ou está se dando a produção de existência. (JANTSCH; BIANCHETTI, 2011).

Cada um dos cinco pressupostos possui sua especificidade, o primeiro pressuposto firma o perigo da fragmentação, já o segundo o eterniza, uma vez que a fragmentação é um mal em si. O terceiro procura a salvação da interdisciplinaridade através de um sujeito coletivo, sendo somente uma soma de sujeitos alinhados para um mesmo trabalho. Conforme Jantsch e Bianchetti (2011, p. 27) “trata-se de um pressuposto taylorista-fordista mascarado”. O quarto pressuposto colabora com o terceiro, de maneira que se pretende uma pan-interdisciplinaridade, possível

¹ De acordo com Jantsch e Bianchetti (2011), na filosofia do sujeito as *condições objetivas* que envolvem o processo de construção do conhecimento desaparecem. Posto que, nela a história não existe e o sujeito geralmente é confundido com o indivíduo humano.

somente através do trabalho em “parceria”. Finalmente o quinto pressuposto renuncia-se da percepção de que em distintos momentos históricos, a produção de conhecimento, deu-se de diferentes maneiras, fundamentado nas circunstâncias objetivas de cada contexto (JANTSCH; BIANCHETTI, 2011).

Faz-se necessário entender que a interdisciplinaridade se impõe historicamente sendo, portanto, a compreensão do processo de produção do conhecimento intrincado à luz da própria materialidade histórica. Diante disso, abordar hoje a necessidade da interdisciplinaridade, não depende da decisão do sujeito, ou seja, é uma imposição do momento atual, posto que as ciências de modo fragmentado ao qual se deu historicamente já não dão mais conta de compreender o real em sua complexidade.

1.4 METODOLOGIA

A metodologia configura-se como um caminho em que se destacam as articulações entre meios e fins, seguindo uma sequência lógica de procedimentos, ou seja, é o processo para se chegar à determinada finalidade. Assim sendo, é necessário refletir sobre a metodologia mais adequada aos objetivos e a finalidade do trabalho, para que se possam elencar os métodos necessários.

Dessa maneira a execução do trabalho se deu no decorrer do segundo semestre de 2018, de modo que foi uma pesquisa exploratória, consistindo em um estudo teórico de caráter bibliográfico, realizado através de artigos e livros sobre a temática de trabalho em equipe multiprofissional, tendo como foco metodologias operativas. Os procedimentos de coleta de dados envolveram leituras, fichamentos, organização material e análise do que foi produzido.

2 DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E TÉCNICO-OPERATIVAS DO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR

A interdisciplinaridade e o trabalho em equipe, na concepção teórico-metodológica deste trabalho são consideradas no contexto sócio-histórico de sua gestação, uma vez que, a produção do conhecimento deu-se concomitantemente a dimensão histórica e social da humanidade, através da materialidade (histórica e social) que o ser humano, ou melhor, o ser social cria suas concepções, teorias e ideias. Dessa maneira, para uma melhor compreensão e discussão, tanto da interdisciplinaridade quanto do trabalho em equipe considera-se imprescindível fazê-las sincronicamente a história, pois pelo contrário, as mesmas poderiam ser compreendidas como uma “panaceia” capaz de curar toda e qualquer doença.

A produção do conhecimento está intrinsecamente ligada à realidade, pois é a partir dela que a humanidade cria e recria o conhecimento, isto significa que ambos são influenciados e influenciam um ao outro, de modo que analisá-los separadamente é o mesmo que desconsiderar parte do processo de construção e reconstrução do conhecimento. Em razão disso, abordou-se o processo de transformação do mundo do trabalho, que exige um profissional mais “qualificado” e polivalente a fim de responder às necessidades impostas pelo capitalismo. Assim, pretende-se discutir o trabalho em equipe interdisciplinar, tendo como base a revisão crítica de alguns autores que abordam a temática. De maneira que, possa resgatar a materialidade histórica sobre o trabalho em equipe interdisciplinar, assim como ir assinalando alguns limites e possibilidades para essa maneira de trabalho.

A interdisciplinaridade tem a sua concepção diretamente vinculada à diferentes visões de mundo, de homem e de conhecimento, em vista disso fez-se necessário trazer as três vertentes que a compreendem, ou seja, a vertente humanista, a vertente da complexidade e, por fim, a vertente social-crítica. No entanto, este trabalho compactua com a vertente social-crítica que compreende a produção do conhecimento diretamente ligada ao contexto histórico e social, assim como instrumento de poder, possível para a transformação na criação de uma nova ordem societal, desde que rompa com um discurso “neutro” que serve a lógica de dominação e reprodução social, pois a produção do conhecimento, assim como as ideologias atreladas à interdisciplinaridade não se encerram ao mundo do conhecimento.

2.1 A REESTRUTURAÇÃO DO CAPITALISMO E A ÊNFASE NO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR

A produção em massa taylorista/fordista², era um padrão de organização industrial baseado na fabricação em série, ou seja, em larga escala, no uso intensivo de materiais e no capital fixo. O taylorismo adotava como forma de organização do trabalho um modelo de gestão da mão-de-obra fundado na extrema divisão do trabalho e na fragmentação do saber, decorrentes do parcelamento das tarefas e da separação entre concepção e execução. Nesse sentido Antunes (2007, p. 41), traz que “o taylorismo/fordismo realizava uma expropriação intensificada do operário, destituindo-o de qualquer participação na organização do processo de trabalho, que se resumia a uma atividade repetitiva e desprovida de sentido”.

Esse modelo de produção tinha como ideia central a linha de montagem, onde cada trabalhador deveria ficar posicionado em um determinado ponto de uma esteira e realizando uma tarefa específica, enquanto o produto deveria passar por toda a extensão dessa esteira. Esses mesmos trabalhadores deveriam se especializar em uma etapa do processo de trabalho, a fim de responder de maneira satisfatória as exigências impostas pelo fordismo. Assim, Antunes (2007, p. 37) colabora dizendo que: “tratava-se de apropriar-se do *savoir faire* do trabalho, ‘suprimindo’ a dimensão intelectual do trabalho operário, que era transferida para as esferas da gerência científica”. De acordo com Gounet (1999, p.18):

Mas para fazê-lo, Ford choca-se com o antigo regime de trabalho. Nele, eram operários extremamente especializados, grandes mecânicos, que fabricavam artesanalmente os veículos quase de A a Z. No conjunto das operações que um trabalhador efetuava, uma tomava um tempo enorme: procurar a peça certa para colocar no lugar certo, e modificá-la, adaptá-la ao seu uso no automóvel. Como um carro tem dezenas de milhares de peças, pode-se compreender que a produção era lenta e, conseqüentemente, o veículo custava caro. Ford muda isso tudo. Aplica os métodos do *taylorismo* (ou “organização científica do trabalho”) à indústria automobilística para atender a um potencial consumo de massas.

² O taylorismo foi um princípio organizador do trabalho que introduziu a divisão deste, em razão de que fragmentou o processo produtivo através da especialização do trabalhador em uma única parte do trabalho, bem como instituiu a cronometragem da produção, pois para produzir mais era necessário estipular um tempo para tal, assim os trabalhadores ganhavam de acordo com o que produzissem. Houve uma alienação de todo esse sistema produtivo, de modo que o único que conhecia todo o processo produtivo era o gerente da fábrica, conseqüentemente fazendo com que emergisse uma hierarquia da produção. Já o fordismo se utilizou das ideias do taylorismo, mas com alguns diferenciais, realizando a junção das práticas do taylorismo às facilidades das máquinas, ou seja, com a introdução da esteira, fazendo com que os trabalhadores assumissem uma posição fixa durante o tempo de trabalho. Nele a produção era em massa, como resultado o consumo também era em grande escala, uma vez que era incentivado pela baixa nos preços.

Diante de tais aspectos, o trabalho tornou-se algo extremamente mecânico, culminando na subsunção do saber do indivíduo como elemento constitutivo do processo de trabalho, assim como esperava-se que os trabalhadores se adequassem ao posto de trabalho, ao domínio técnico de sua função e com um elevado grau de conformismo, isto é, exigia-se um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de homem. O fordismo trouxe atrelado a si a ideia de acumulação intensiva e produção em massa, sendo que os operários não necessitavam ser qualificados para desempenharem apenas uma única função dentro da linha de montagem.

Mas para além disso, mais do que um sistema de produção o taylorismo/fordismo era um sistema de consumo, ou seja, para que se produzisse em massa, era necessário que a população consumisse da mesma maneira. Por isso, esse sistema implantou nos trabalhadores e conseqüentemente na população em geral, a ideia de consumo em grande quantidade, a fim de dar sustentação ao modo de produção vigente. E, para tanto, investiu na força de trabalho, aumentou o ritmo da esteira, lucrando no que se refere a mercadoria e, como consequência, baixou o preço de custo dos produtos, para que houvesse uma maior procura dos mesmos. Conforme Gounet (1999, p. 22), “uma nova organização do trabalho implica certa adesão dos operários”.

Por isso, em 1916, Ford enviou um exército de assistentes sociais aos lares dos seus trabalhadores [...] para ter certeza de que o “novo homem” da produção de massa tinha o tipo certo de probidade moral, de vida familiar e de capacidade de consumo prudente (isto é, não alcoólico) e “racional” para corresponder às necessidades e expectativas da corporação. (HARVEY, 1992, p. 122).

No fordismo, contribuindo a esse propósito indispensável de um consumo em grande quantidade, a qualidade dos produtos era boa, visto que as mercadorias produzidas nesse período tinham uma vida útil considerável. Ao mesmo tempo em que os produtos tinham um preço acessível, para que a procura fosse grande. Assim a ideia era manter o nível das provisões, atrelado a um bom preço a fim de manter o grau de consumo em massa.

O modo de acumulação fordista modificou o processo industrial, de modo que se expandiu para todas as indústrias automobilísticas e, finalmente, tomou conta de todo o processo industrial, isto significa que os empresários que não se adaptassem a esse modo de produção, ficariam excluídos do mercado. Nesse sentido, Gounet (1999, p. 22) acrescenta, “os rivais são obrigados a segui-lo, para não

desaparecerem ou saírem do mercado”. Isso significa que para competir de igual era necessário aderir ao modelo fordista de produção, de maneira que conforme o sistema crescia, resistiriam apenas as empresas que o aderissem.

Após anos de exploração da força de trabalho esse sistema resistiu sem maiores entraves, até final dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando processou-se a manifestação do “operário-massa” (ANTUNES, 2007). Ou seja, diz respeito àquela parte dos trabalhadores tayloristas/fordistas, que se encontrava presente no ambiente fabril. Esses operários estavam esgotados de serem explorados exaustivamente, terem seu trabalho limitado a gestos repetitivos durante a jornada de trabalho, ao passo de que muitas vezes eram chamados para resolver erros e descuidos ocasionados pela gerência. O que como consequência, abriu brechas para uma contradição dentro do processo de trabalho taylorista/fordista.

Diante disso, os trabalhadores começaram a resistir a esse modo de produção desde forma individualizada até mesmo de maneira mais organizada e coletiva, provocando greves; fuga do trabalho; diminuição do ritmo da produção, por meio do descuido com o maquinário, já que quem deveria fazer a manutenção eram os próprios operários; até mesmo contestação da divisão hierárquica do trabalho, entre outras. Colaborando Antunes (2007, p. 44) traz o seguinte: “a luta dos trabalhadores, se teve o mérito de ocorrer no espaço produtivo fabril, denunciando a organização taylorista e fordista do trabalho bem como dimensões da divisão social hierarquizada que subordina o trabalho ao capital”.

Segundo Mangini e Mioto (2009, p. 211), “embora a interdisciplinaridade ainda não estivesse formalmente colocada, sua emergência está relacionada às reivindicações dos movimentos estudantis”. Nessa lógica, colaborando com a revolta dos trabalhadores, os movimentos estudantis da época, contraditoriamente, tiveram importante colaboração, pois foram ao encontro do novo modelo de produção, por meio da reivindicação de uma reestruturação de ensino no final dos anos 1960, contrário ao conhecimento que privilegiava o capitalismo e as organizações curriculares que corroboram para a especialização. Dessa maneira contribuindo para a instauração da crise no âmbito das universidades e instituições de ensino em decorrência do incremento do modelo taylorista/fordista.

Tendo em vista esses acontecimentos, a partir dos anos 1970 com a crise do petróleo, a queda da taxa de lucros causada pelo aumento do preço da força de trabalho, a crise do *Welfare State* ou do “Estado de bem-estar social” (gastos

excessivos), as mudanças tecnológicas e o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, devido à incapacidade de responder a retração do consumo que se acentuava, ocorreu uma crise de grandes proporções que abalou as bases de organização do sistema capitalista.

Devido a tal crise, sucedeu um processo de reestruturação produtiva, que visava reorganizar as formas de produção e acumulação do capital e, ao mesmo tempo, reaver um projeto de dominação societária, que havia sido abalado pelo conflito entre capital e trabalho, a partir do qual os trabalhadores em meio as suas revoltas mostraram-se capazes de controlar não somente o movimento operário, mas o próprio funcionamento das empresas e, uma vez que houve também um aumento do desemprego estrutural, ocasionando uma diminuição do consumo em massa característico do modelo taylorista/fordista. De acordo com Antunes (1996, p. 79), “houve a emergência de um conjunto expressivo de processos produtivos no interior do capitalismo que de alguma forma mesclam, substituem, alteram esse padrão fundado no binômio fordismo e taylorismo”.

Diante de tal situação e fazendo uso das informações a respeito dos movimentos estudantis, suas pautas de reivindicações e críticas no que diz respeito ao modelo de estruturação do ensino, os empresários notaram que os trabalhadores demonstravam possuir iniciativa, cooperação, criatividade e inteligência, entre outras qualidades, que não somente força física e que não deveriam ser desprezadas e poderiam ser utilizadas em benefício do capital. Assim Bernardo (1996 apud ANTUNES, 2007, p. 45)

Os capitalistas compreenderam então que, em vez de se limitar a explorar a força de trabalho muscular dos trabalhadores, privando-os de qualquer iniciativa e mantendo-os enclausurados nas compartimentações estritas do taylorismo e do fordismo, podiam multiplicar seu lucro explorando-lhes a imaginação, os dotes organizativos, a capacidade de cooperação, todas as virtualidades da inteligência.

Como resposta do capital à sua crise estrutural foram desencadeadas transformações no processo produtivo, através da flexibilização no modo de produção e da força de trabalho, com um processo produtivo mais reduzido ao estritamente necessário, no que diz respeito à equipamentos, pessoal e funções, o que se denominou como toyotismo. Ou seja, diferentemente do fordismo, no toyotismo tem-se um sistema que está diretamente ligado às demandas, dessa

maneira flexibiliza-se a produção, a fim de não reter produtos em estoque. Nesse sentido Antunes (1996, p. 79) traz que:

[...] de modo que se tenha um sistema chamado de produção ou de acumulação flexível, que se adeque a essas alterações cotidianas do mercado. Enfim, um processo produtivo flexível que atenda esta ou aquela demanda com mais rapidez, sem aquela rigidez característica de produção em linha de montagem do tipo fordista.

No toyotismo existia uma nova forma de organização industrial, que exigia um trabalhador mais participativo, qualificado, multifuncional e polivalente, ou seja, a formação profissional centrada na especialização já não se ajustava mais ao atual modelo de produção. Assim, a polivalência e a multifuncionalidade tornaram-se condições básicas para facilitar as inovações, assegurar a produtividade e a rentabilidade, desse novo sistema de produção. Nessa perspectiva, assim como no modelo de produção fordista, as mudanças ocasionadas pelo toyotismo interferem diretamente no mundo do trabalho e a forma como esse vai se desenvolver. Diante disso, Antunes (1996, p. 80) traz o seguinte:

Isso faz com que o trabalho não seja mais típico da linha parcelar de montagem fordista, mas um trabalho em equipe, em grupo, um processo que se funda, que se fundamenta no envolvimento da força de trabalho, não mais daquele *operário-massa* como alguns estudiosos chamaram - o operário da fábrica fordista -, mas de um trabalhador que deve se desenvolver no universo e no ideário da empresa.

Transformou-se a maneira como o processo de produção e acumulação do capital se dava e conseqüentemente isso refletiu diretamente na organização da sociedade e do trabalho, posto que distintivamente do binômio taylorismo/fordismo que mantinha centralizado na fábrica todo o processo produtivo o toyotismo distribuiu a produção, terceirizando as etapas do trabalho, com a finalidade de diminuir o preço de custo com a produção das mercadorias, dessa maneira alavancando os lucros e atacando diretamente os direitos trabalhistas. Nessa perspectiva Antunes (1996, p. 81) traz que, “um sistema de produção flexível supõe direitos do trabalho também flexíveis, ou de forma mais aguda, supõe a eliminação dos direitos do trabalho”.

[...] essa flexibilidade produtiva que necessita do trabalhador disponível; necessita do trabalho parcial, do trabalho de terceiros e do trabalho precário, dessas várias formas de trabalho que eu chamo de trabalho subtrabalho, uma subproletarização dos trabalhadores, de modo que flexibiliza e dá efetividade a um modo de produção que é essencialmente destrutivo e que também destrói a mercadoria força de trabalho. (ANTUNES, 1996, p. 81).

O toyotismo interfere diretamente nas relações entre capital e trabalho, de modo que a produção responde diretamente à demanda, flexibilizando-a e conseqüentemente os direitos do trabalho e a forma como o mesmo se desenvolve. Com isso, Antunes (1996, p. 80) acrescenta que, “supõe necessariamente o *envolvimento* do trabalho, acarretando o *estranhamento* do trabalhador, sua ‘alienação’ do trabalho, que se torna menos despótico e mais manipulatório”. É imprescindível que o trabalhador sinta-se parte do processo de trabalho e da empresa com isso, “ele se avilta no plano ideário, a empresa é a sua empresa, a produtividade é a produtividade da sua empresa”. (ANTUNES, 1996, p. 81).

Desse modo, foi no bojo desse processo que surgiu o ideal de interdisciplinaridade, que brotava do movimento estudantil, uma maneira para resolver, através do conhecimento, os problemas da formação especializada dos trabalhadores. A partir daí a interdisciplinaridade tornou-se o meio de vinculação do conhecimento dos novos trabalhadores multifuncionais ao atual modo de produção capitalista. Assim sendo Mangini e Mioto (2009, p. 211) trazem que, “[...] a partir do momento que a interdisciplinaridade entra na agenda dos movimentos sociais, inspirando mudanças, ela entra, também, na agenda dos empresários ligados ao setor da economia”.

As ideias genericamente veiculadas a respeito da interdisciplinaridade seduzem o trabalhador para o desenvolvimento de uma subjetividade adequada ao novo momento de acumulação do capital. Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade é tomada como uma atitude de abertura do sujeito individual ou coletivo (equipe), disposto à: integração, interação, coordenação, colaboração, e à cooperação. Além de disposição e abertura, é fundamental desenvolver uma postura flexível em face das mudanças, das novidades e das diferenças. (MANGINI e MIOTO, 2009, p. 213).

Assim sendo, conforme Mueller (2006 apud MANGINI; MIOTO, 2009, p. 212), a interdisciplinaridade é um conceito que foi “cooptado pelo modo de produção capitalista, e que, em consequência, incorporou o espírito do capitalismo”. Dessa maneira contribuindo para firmar na mente dos trabalhadores a ideia de que somente através da cooperação e do compromisso seria viável aumentar a produtividade. De acordo com Mangini e Mioto (2009, p. 212), “a interdisciplinaridade seria um meio de estimular a criatividade do trabalhador”.

Considerando que no modelo de produção toyotista são valorizadas as capacidades, habilidades, valores e conhecimentos de cada trabalhador, os empresários encontraram na interdisciplinaridade um suporte teórico para embasar o

domínio do empregador sobre o empregado, através da subjetividade dos mesmos, de maneira que os trabalhadores se identifiquem como parte integrante da empresa, para que possam perseguir os objetivos da mesma em direção ao capital. A interdisciplinaridade sob essa lógica torna-se um conceito funcional aos propósitos das empresas reestruturadas de intensificar o trabalho para aumentar a mais-valia relativa, que se dá por meio do trabalho polivalente e multifuncional, além do trabalho em equipe e do cultivo de uma atitude que estimula a inovação e o comprometimento do trabalhador com resultados.

Contribuindo com esse processo ocorreu no período de 7 a 12 de setembro de 1970, o *Seminário internacional sobre pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade nas universidades* em Nice na França, organizado pelo Ministério da Educação Francês e pelo Centro para a Pesquisa e Inovação do Ensino (CERI), filiado à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que tinha como objetivo esclarecer os conceitos de pluri (disciplinaridade), inter (disciplinaridade) e trans (disciplinaridade) à luz de uma reflexão epistemológica. Esse evento contou com a participação de intelectuais renomados como Jean Piaget, entre outros, além da participação e do apoio de empresários que demonstram a busca de articulações entre as esferas do trabalho e da educação/conhecimento por meio da interdisciplinaridade.

Finalmente, sob esta nova lógica, o trabalhador deveria fazer a sua parte para manter-se no emprego, de modo que viesse a desenvolver um aglomerado de competências e habilidades que lhe garantissem seu posto de trabalho. Nas palavras de Mangini e Miotto (2009), o trabalhador era responsável por sua trajetória educacional e profissional, seja ela de sucesso ou de fracasso. O que culminou em uma onda de desemprego, vista até os dias atuais, que se justificava pela falta de habilidades, competências, cooperação e experiências dos trabalhadores.

2.2 O CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE E DE TRABALHO EM EQUIPE

A produção de conhecimento em sua grande maioria se deu de maneira fragmentada (unidisciplinar), isto é, cada ciência e/ou área do conhecimento tenta a sua maneira compreender o mundo, bem como suas relações sociais, econômicas, políticas, entre outras. A partir do final do século XX há uma alteração na maneira de construir o conhecimento, com novas divisões do trabalho intelectual, de modo que

cada vez mais se entendeu como necessário a articulação entre os diversos ramos do saber. Nas palavras de Klein (1990), trata-se de uma permeabilidade crescente de fronteiras, uma indefinição e mistura de gêneros.

Tais acontecimentos geraram uma pressão sobre as tradicionais divisões do conhecimento, de maneira que com base em Geertz ([20-?] apud, KLEIN, 1990, p. 1), “existe algo de fato acontecendo na maneira como pensamos sobre a nossa maneira de pensar”, uma vez que o aumento da particularização do conhecimento agilizou as forças de diferenciação e como consequência dessas pressões levou a se refletir sobre a construção do conhecimento de forma a buscar a interdisciplinaridade.

Mas falar sobre interdisciplinaridade não é algo fácil, já que essa palavra não possui um conceito pré-estabelecido. De acordo com Pombo (2008, p.10), “nem as pessoas que a praticam, nem as que a teorizam, nem aquelas que a procuram definir” sabem exatamente o que é interdisciplinaridade, em virtude que diante das literaturas sobre a temática encontram-se diferentes definições. Por ser um termo utilizado nos meios de comunicação, em congressos e seminários, no ensino, na pesquisa, no exercício profissional, indiscriminadamente indica para variados significados e conseqüentemente para nenhum propriamente dito.

Klein (1990), diz que há várias razões para a confusão sobre o termo interdisciplinaridade, dentre elas:

- a) Incerteza do significado do termo, pois consideram-se muitos campos como interdisciplinares, sem ao menos haver uma clara definição do que seja;
- b) Falta de familiaridade com a interdisciplinaridade, já que grupos profissionais interdisciplinares são jovens e literaturas fidedignas só tem emergido nas últimas décadas;
- c) Falta de um corpo unificado de discurso, pois os mesmos têm se encontrados separados em campos isolados, havendo a necessidade de uma maior integração que reforce a propriedade do discurso através de percepções, valores, crenças, conceitos.

A interdisciplinaridade envolve uma gama muito heterogênea de experiências, realidades, hipóteses e projetos. Possui uma utilização muito ampla, sendo aplicada a diversos contextos e, para além disso, pode ser vista como uma crítica às limitações colocadas pela disciplinaridade. Realiza-se de maneira peculiar em cada situação e presume integração de conhecimentos e das pessoas envolvidas, na

aplicação de metodologias de colaboração. Nesse sentido Paviani (2008, p. 14) traz que:

Em síntese, a interdisciplinaridade pode ser vista como uma teoria epistemológica ou como uma proposta metodológica. Também como uma modalidade de aplicação de conhecimentos de uma disciplina em outra. Igualmente, como modalidade de colaboração entre professores e pesquisadores ou simplesmente como um sintoma de crise das disciplinas, do excesso e da fragmentação de conhecimentos, da especialização que perde a visão do todo.

Na busca por compreender a interdisciplinaridade é necessário segundo Paviani (2008, p. 16), “considerar novas categorias epistemológicas”, ou seja, a própria busca do conhecimento suas possibilidades e seus limites, pois o conhecimento já não mais se dá de maneira linear e sim de modo circular e de auto-organização. Costa (1999 apud PAVIANI, 2008 p.17) afirma que, “as ciências encontram-se permanentemente em modificação, como se fossem organismos vivos, de maneira que as classificações perdem, seguramente, suas razões de ser”.

A interdisciplinaridade é também, uma mediação entre a singularidade e a variedade. E nas palavras de Paviani (2008, p. 15) “tem como objetivo mediar as divisões e fragmentações das disciplinas, e de aproximar os saberes”, não havendo fórmula, tampouco modelo de interdisciplinaridade, o que requer um contínuo esforço racional e crítico na busca de sua apreensão e prática.

Para um maior entendimento sobre o que é interdisciplinaridade e como ela se dá, faz-se indispensável trazer à tona seus correlatos e/ou níveis de interação disciplinar e são eles: *disciplinaridade*, *multidisciplinaridade*, *pluridisciplinaridade* e *transdisciplinaridade*, que conforme Mangini e Mito (2009, p. 208), “constituem a base para a discussão das relações entre as disciplinas”.

A disciplinaridade de acordo com Japiassu (1976 p. 61), é compreendida como uma “progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo”, em outras palavras, refere-se a uma região de estudo com fronteiras precisamente demarcadas. Todavia ela carrega um paradoxo, pois nas palavras de Portella (1992 apud PAVIANI, 2008, p. 27), “a própria questão da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade é ainda debatida no interior de uma hegemonia disciplinar, isto é, sob os auspícios do especialista ou do expert”.

A multidisciplinaridade conforme Vasconcelos (2008), comporta uma gama de disciplinas propostas concomitantemente, sem, no entanto, fazer transparecer as relações existentes entre elas, ou melhor, é basicamente a adição de disciplinas,

desconsiderando interação entre as mesmas. No que diz respeito aos processos de trabalho em conformidade com Nogueira (1998), pode ser vislumbrada quando profissionais de áreas distintas trabalham à parte, com um grau mínimo de cooperação e troca de informações.

A pluridisciplinaridade consoante a Vasconcelos (2008), implica uma justaposição de diversas disciplinas, isto é, uma diversidade de disciplinas postas uma ao lado da outra sem necessariamente haver algum tipo de interação entre elas. Para Pombo (2008, p. 13), “não faz sentido distinguir multi de pluri, uma vez que supõe pôr em conjunto, o estabelecer algum tipo de coordenação, numa perspectiva de mero paralelismo de pontos de vista”. No entanto, de acordo com Klein (1990, p. 3), “a pluridisciplinaridade significa o começo de uma interação”. Nas relações de trabalho segundo Nogueira (1998), é percebida onde há troca de informações entre a equipe de profissionais, assim como pode ocorrer em nível planejamento ou avaliação das ações, não havendo uma finalidade com metas e objetivos acordados.

A interdisciplinaridade é compreendida por Vasconcelos (2008, p. 47), “como estrutural, havendo reciprocidade, enriquecimento mútuo, com uma tendência à horizontalização das relações de poder entre os campos implicados”. Na interdisciplinaridade há uma convergência entre as disciplinas que, em consequência, rompe com as fronteiras entre as mesmas. Assim Nogueira (1998) traz que, a interdisciplinaridade ocorre quando há integração entre os membros de uma equipe, com possibilidades de estratégias comuns para a ação, mutualidade nas relações profissionais e de poder, com orientação para a horizontalidade.

A transdisciplinaridade pauta-se na possibilidade de transpor o saber fragmentado, as próprias disciplinas e suas fronteiras, numa perspectiva mais holística, que tem como objetivo produzir um conhecimento totalizante. Conforme Vasconcelos (2008, p. 48), “a transdisciplinaridade implica [...] a criação de um campo teórico, operacional ou disciplinar de tipo mais amplo”, e, em consequência exige um novo tipo de profissional.

A ideia de equipe traz em si a possibilidade de modificação dos processos de trabalho isolado de cada profissional separadamente, para o de um trabalho pensado e realizado coletivamente, numa perspectiva interdisciplinar. Diante desses aspectos, compreende-se que o trabalho em equipe multiprofissional pode conter o cenário profícuo para a integração das disciplinas científicas, ou seja, da realização

da própria interdisciplinaridade, posto que essas disciplinas refletem diretamente no fazer cotidiano dos profissionais.

Fortuna et al. (2005, p. 264), conceituam o trabalho em equipe como “uma rede de relações entre pessoas, rede de relações de poderes, saberes, afetos, interesses e desejos, onde é possível identificar processos grupais”. Essa proposta difere da noção restrita de equipe que a reduz à convivência de diversos profissionais em um mesmo ambiente de trabalho e que compartilham uma mesma demanda, demonstrando dificuldades para a concepção da equipe, visto que uma equipe necessita de integração entre seus componentes.

Colaborando com o entendimento Peduzzi (1998, 2001, apud PEDUZZI, 2008, p. 275), conceitua o trabalho em equipe multiprofissional como:

Uma modalidade de trabalho coletivo que é construído por meio da relação intervenções técnicas e a interação dos profissionais de diferentes áreas, configurando, através da comunicação, a articulação das ações e a cooperação.

Ainda nessa lógica Peduzzi (2001), vai dizer que existem duas tipologias distintas que recobrem a ideia de trabalho em equipe, são elas: equipe agrupamento e equipe integração. A primeira noção de trabalho em equipe caracteriza-se pela fragmentação do trabalho, de maneira que a comunicação não é exercida e quando é desempenhada, é apenas como instrumentalização técnica. Nessa ocorre uma restrição em nível de comunicação entre os profissionais. A segunda é caracterizada pela articulação dos saberes, assim como das ações. Essa articulação é compreendida como as situações de trabalho em que os profissionais criam correlações, colocando em evidência as conexões entre as inúmeras ações desempenhadas. Aqui a comunicação é compreendida como intrínseca ao trabalho em equipe, de forma que a equipe deve elaborar uma linguagem comum, igualmente objetivos e propostas comuns.

Em virtude de o trabalho dar-se de uma maneira cada vez mais especializada, considera-se o trabalho em equipe multiprofissional como uma forma de reorganizar os processos de trabalho. No entanto Silva e Trad (2005, p. 27) afirmam que, “a multiprofissionalidade por si só não é condição suficiente para garantir a recomposição dos trabalhos parcelares”. Por esse motivo compreende-se que o processo de trabalho deve ser guiado por uma lógica interdisciplinar, na busca de

relações mais recíprocas, com cooperação entre os profissionais e articulação dos saberes e ações.

Finalmente em concordância com Peduzzi (2001), a especialização inclina-se a aprofundar de maneira vertical o conhecimento e a intervenção profissional em aspectos individualizados, não abrangendo concomitantemente a articulação das ações e dos saberes. Em contrapartida a interdisciplinaridade determina, indispensavelmente, o estabelecimento de vínculos de integração no decorrer do processo de trabalho. Esses vínculos não são apenas afetivos, mas também e, sobretudo, em torno de objetivos, conceitos, teorias, metodologias e princípios ético-políticos.

2.3 O DEBATE TEÓRICO DA INTERDISCIPLINARIDADE E DO TRABALHO EM EQUIPE

A interdisciplinaridade tem sua concepção marcada por diversas visões de mundo, de homem e de conhecimento, devido às diferentes definições da mesma. Essas divergências sobre a temática são frutos de diferentes teorias, assim como matrizes de pensamento que guiam os estudiosos da interdisciplinaridade. Neste contexto Porto e Almeida (2002), trazem algumas vertentes de debate da interdisciplinaridade, sendo elas: a vertente humanista, a vertente da complexidade e finalmente a vertente social crítica.

A vertente humanista na linguagem de Porto e Almeida (2002, p. 337), uma primeira vertente parte da filosofia do sujeito:

Em uma perspectiva humanista e pedagógica, para propor a busca de um diálogo ecumênico e reflexivo entre as várias áreas do conhecimento, centrando a transformação numa mudança de espírito dos próprios pesquisadores e do sistema de ensino.

De acordo com Jantsch e Bianchetti (2011, p.19), “a filosofia do sujeito é a base e a expressão maior da concepção a-histórica relativa à interdisciplinaridade”, parafraseando Porto e Almeida (2002 p. 338) “sem a necessária reconstrução histórica, o que poderia fazer de algumas propostas de interdisciplinaridade uma ‘panacéia’, para o combate de todos os males científicos”. Os expoentes dessa vertente acreditam na prática de um processo unitário e reflexivo entre as diferentes áreas do conhecimento, focalizando numa mudança de espírito dos sujeitos envolvidos na construção do saber. O humanismo tem-se como comprometimento

na criação de um método capaz de, em conformidade com Japiassu (1992, apud PORTO; ALMEIDA, 2002 p. 337), “integrar todos os saberes em vista do fazer, dentro do conjunto da envergadura do espírito e do sentido da totalidade humana”.

Diante disso, pensar o trabalho em equipe em consonância com cada uma dessas vertentes não é algo fácil, porém necessário a fim de uma melhor compreensão e discussão. Assim, o trabalho em equipe de acordo com a vertente humanista vai diretamente ao encontro de uma visão simplista do que seria esse transcurso, uma vez que essa vertente acredita que através da vontade dos profissionais envolvidos no processo de trabalho é possível a realização de ações e saberes interdisciplinares. Desconsiderando todos os demais fatores que envolvem os processos de trabalho, assim como o contexto político, social e histórico ao qual está inserido. Contribuindo com o raciocínio Jantsch e Bianchetti (2011, p. 21) dizem que:

A fórmula simples do somatório de individualidades ou de “sujeitos” pensantes (indivíduos) que não apreende a complexidade do problema/objeto não é milagrosa nem redentora. Muito menos será o “ato de vontade” que leva um sujeito pensante a aderir a um “projeto em parceria”.

Essa vertente coloca sobre os profissionais toda a responsabilidade do andamento do trabalho, entendendo que os mesmos enquanto equipe, são capazes de superar qualquer obstáculo no que diz respeito ao conhecimento e ações, igualmente podendo vivenciar a interdisciplinaridade em qualquer espaço de atuação. Nela abre-se mão do momento histórico e a maneira como se deu a produção do conhecimento, ficando garantido o trabalho em equipe interdisciplinar através do equacionamento de vários profissionais em um mesmo ambiente de trabalho.

A segunda vertente que compreende a interdisciplinaridade, é a vertente da complexidade que vê a ciência moderna como incapaz de dar conta da realidade cada vez mais complicada e complexa, devido à crescente fragmentação e decomposição das diversas disciplinas, assim como da especialização dos sujeitos envolvidos. Como consequência reivindica uma nova abordagem da ciência, capaz de integrar diferentes disciplinas, a fim de superar dicotomias. De acordo com Vasconcelos (2008, p. 47), a interdisciplinaridade é compreendida aqui como:

Estrutural, havendo reciprocidade, enriquecimento mútuo, com uma tendência a horizontalização das relações de poder entre os campos

implicados. Exige a identificação de uma problemática comum, com levantamento de uma axiomática teórica e/ou política básica e de uma plataforma de trabalho conjunto, colocando-se em comum os princípios e os conceitos fundamentais, esforçando-se para uma decodificação recíproca da significação, das diferenças e convergências desses conceitos e, assim, gerando uma fecundação e aprendizagem, mútua, que não se efetua por simples adição ou mistura, mas por uma recombinação dos elementos internos.

Almeida Filho (1997, p. 11) acrescenta dizendo que, um objeto complexo pode ser entendido como formado por diversos aspectos, isto é, como “alvo de diversas miradas, fonte de múltiplos discursos, extravasando os recortes disciplinares da ciência”. Nesse sentido, essa vertente compreende que analisar de maneira fragmentada, como se faz na ciência moderna, pode ocasionar graves problemas tanto analíticos quanto éticos, além disso resultaria em propostas limitadas de soluções.

Através da complexidade é possível buscar compreender o objeto, sem dividi-lo, posto que nela o mundo é percebido como um todo, isto é, como um conjunto antagônico e ao mesmo tempo complementar. Assim, de acordo com os expoentes dessa vertente, ao mesmo tempo que se opõem, às posições contrárias encontram-se ligadas. Ou seja, nela acredita-se que o pensamento deve ser capaz de lidar com incertezas que estão presentes na realidade e no mundo das ciências, já que a complexidade traz em si o que é contraditório e simultaneamente interdependente.

Refletir sobre o trabalho em equipe de acordo com a vertente da complexidade é perceber que o trabalho parcelar e especializado é insuficiente, devido à complexidade cada vez maior dos objetos de responsabilidade de equipes multiprofissionais. Por isso, para compreender e intervir com esses objetos, faz-se necessário uma atuação interdisciplinar, na busca de não se perder nenhum aspecto dos mesmos.

Tal vertente diferente da primeira, faz relação com o contexto histórico, social, político, econômico, entre tantos outros, dessa maneira não focando somente na subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo de trabalho. Nela acredita-se, nas palavras de Pombo (2008, p.13) que é através “de uma convergência, de uma complementaridade” de diversos saberes, assim como na relação de interação e colaboração entre os profissionais de diferentes áreas do conhecimento que se solucionam os atuais problemas, compreendidos aqui como complexos.

O trabalho em equipe interdisciplinar estaria de acordo com os ditames dessa vertente, visto que para a realização da interdisciplinaridade é necessário o

rompimento das barreiras disciplinares e, conseqüentemente, de trabalhos parcelares, focados na especialização. No entanto, há que se tomar cuidado para não se cair em um reducionismo na busca por um saber totalizante, que possa abranger todos os demais. Colaborando Vasconcellos (2008, p.48) diz que, “a busca de integração, de instaurar formas de unidade e totalidade em um campo de saber múltiplo, pluralista, heterogêneo e fragmentado, pode significar querer voltar o ‘trem da história’”, fazendo menção a um saber que acredita ser capaz de esgotar o real.

A vertente social crítica vai do encontro da primeira, mas de modo diferente, pois concentra sua análise na dimensão histórica e social da criação do conhecimento respaldado na crítica marxista que compreende a ciência moderna submissa à lógica da divisão social e técnico-científica do trabalho, no modo de produção capitalista. Para essa vertente a questão é, que o debate sobre interdisciplinaridade precisaria admitir a materialidade histórica. Nesse sentido, Frigotto (2011, p. 35) colabora dizendo que, “trata-se de apreender a interdisciplinaridade como uma necessidade (algo que historicamente se impõe como imperativo) e como problema (algo que se impõe como desafio a ser decifrado)”.

Para determinados grupos ou classes a produção do conhecimento e sua socialização ou negação não são alheias ao conjunto de práticas e relações que produzem os homens num determinado tempo e espaço. Pelo contrário, nelas encontram-se a sua efetiva materialidade histórica. (FRIGOTTO, 2011, p. 36).

Essa vertente tem como objetivo resgatar a noção histórica sobre o debate da interdisciplinaridade, entendendo que a construção do conhecimento se dá concomitantemente aos processos sociais e históricos. Diante disso, faz uma crítica a produção de conhecimento realizada de maneira neutra, pois de acordo com Frigotto (2011, p. 40), “o conhecimento não tem como ser produzido de forma neutra, tendo em vista que as relações que ele tenta apreender não são neutras”. A produção de conhecimento é vista aqui como um instrumento de poder, que segundo Porto e Almeida (2002, p. 338):

De um lado, servindo a lógica de estruturação, dominação e reprodução social, por meio de um discurso “neutro” e despolitizador que demarca os territórios de especialistas técnico-científicos: de outro, como instrumento de transformação na produção de uma nova ordem, onde aquilo que se encontra marginalizado e oprimido de alguma maneira possa surgir com força e se afirmar.

Compreende-se aqui que o atual modo de produção interfere direta e indiretamente no processo de elaboração do conhecimento, conseqüentemente, na interdisciplinaridade, em razão de separar a sociedade em capitalistas (quem detém os meios de produção) e trabalhadores (quem vende sua força de trabalho). Nas palavras de Frigotto (2011, p. 45), “demarca uma divisão social do trabalho na qual se consoma a alienação e a exclusão e dentro da qual os homens não apenas produzem a sua vida material, mas também sua consciência social, suas ideias e representações”.

A classe que tem à disposição os meios de produção material controla concomitantemente os meios de produção intelectual, de sorte que, por essa razão, geralmente as ideias daqueles que carecem desses meios ficam subordinadas a ela. (MARX & ENGELS, 1986 apud FRIGOTTO, 2011 p. 45).

Pode-se dizer que, a vertente social crítica entende que a criação do conhecimento não se dá de maneira dissociada da história e seus conflitos sociais, do mesmo modo que não desconsidera as relações de força e oposições presentes entre as classes sociais. Muito pelo contrário, acredita que somente levando em consideração a construção histórica e social da humanidade é que se pode pensar formas de trabalho interdisciplinares que superem, em harmonia com Frigotto (2011, p.48), “uma ótica fenomênica, abstrata e arbitrária”.

Nesse aspecto, pensar o trabalho em equipe de acordo com essa vertente é perceber o quanto os profissionais envolvidos na elaboração do trabalho interdisciplinar necessitam além de refletir sobre formas de aplicar a interdisciplinaridade no ambiente de atuação, contextualizá-la no tempo e no espaço, tendo em vista a materialidade histórica, não caindo na ilusão de que essa construção se concretiza apenas a partir da vontade desses profissionais.

O trabalho em equipe, assim como a interdisciplinaridade estão intrinsecamente ligados ao contexto histórico, político, econômico e social, de modo que desconsiderar esses aspectos seria, o mesmo que corroborar com a ideia de que a interdisciplinaridade, por si só, seria a salvação de todos os males. Dessa forma, para romper com os limites à produção de conhecimento, tanto quanto da interdisciplinaridade, Frigotto (2011, p. 46) traz que, “somente se dará de forma mais efetiva na medida que forem sendo rompidas as relações sociais que fornecem a base material destes limites”.

A vertente social crítica considera que o trabalho em equipe interdisciplinar sofre interferência a nível de sujeitos participantes e das leituras que os mesmos fazem dessa possibilidade de atuação, do mesmo modo que do contexto em que estão inseridos. Esses mesmos profissionais encontram-se postos em um modelo de produção que é excludente e alienante e que conseqüentemente interfere na leitura de mundo. Frigotto (2002, p. 45) corrobora dizendo que, “a cisão que se produz e desenvolve no plano das relações de produção do homem social, enquanto uma totalidade concreta, explicita-se necessariamente no plano da consciência, das representações e concepções da realidade”, por isso o trabalho em equipe interdisciplinar torna-se parte e manifestação de uma luta.

2.4 METODOLOGIAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Nogueira (1998) diz, que existem duas dimensões da interdisciplinaridade, conectadas e que são dependentes uma da outra, são elas: a dimensão do conhecimento e a dimensão interventiva ou instrumental. Significa que os profissionais devem estabelecer trocas/interações tanto a nível de saber como de a nível de fazer. Nesse sentido, o trabalho em equipe interdisciplinar obrigatoriamente exige interação, comunicação e troca de saberes, buscando a superação de ações fragmentadas através da integração entre os sujeitos envolvidos no trabalho, assim como consiste em um método de enfrentamento ao crescente processo de especialização, de modo que faz-se vital pensar metodologias e ferramentas de trabalho em equipe interdisciplinar.

Compreendendo o trabalho de acordo com Antunes (2007, p. 136), como “um pôr teleológico que (préviamente) o ser social tem ideado em sua consciência”. A comunicação torna-se uma dimensão intrínseca ao trabalho, pois auxilia a equipe como um todo, de maneira que melhora a compreensão dos processos de trabalho, contribui na abordagem desses profissionais para com os usuários, assim como favorece maior integração entre os profissionais e as ações que desenvolvem, uma vez que essa prática necessita ser muito mais do que a soma das parcelas do trabalho de cada componente da equipe. Parafraseando Antunes (2007, p.148), a comunicação “se fundamenta em um processo cooperativo de interpretação no qual

os participantes relacionam-se simultaneamente a algo no mundo objetivo, no mundo social e no mundo subjetivo”.

Barros (2002, p. 1) traz que, “ a comunicação, igualmente, é interdisciplinar por natureza, uma vez que faz parte de um modelo social que lhe confere suporte, além de constituir um campo de produção de discurso que interagem com os diversos campos sociais”. Dentro dessa linha de raciocínio há que se ter em mente, além da comunicação, a importância do diálogo como ferramenta do trabalho em equipe interdisciplinar, pois o mesmo consiste no primeiro nível da comunicação, ou seja, é o momento em que duas ou mais pessoas estabelecem uma conversação, em que não existe certo ou errado e sim pontos de vista/visões de mundo diversos, isto é, há uma conexão entre diferentes pontos de vista. Diante disso, Vasconcelos (2008), colabora com algumas recomendações para a implementação de práticas interdisciplinares, e são elas:

- a) Flexibilização de mandatos sociais, através da discussão das legislações profissionais para viabilizar a melhor distribuição de responsabilidades legais;
- b) Defesa da autonomia relativa, por meio da cobrança de corporativas, administrativas e instituições conservadoras, a fim de não estimular metodologias e identidades profissionais tradicionais;
- c) Seleção de profissionais identificados politicamente com o trabalho interdisciplinar e inovador;
- d) Criar uma vontade política o mais consensual possível entre os trabalhadores, envolta por um projeto teórico e político que considerem as novas perspectivas de trabalho;
- e) Estruturação democrática, sem privilégios corporativos, nas relações institucionais dos serviços, podendo haver negociação constante mediante discussões e decisões horizontais;
- f) Criar dispositivos grupais e institucionais, de maneira que cada profissional possa aprender com a experiência do outro, durante o reconhecimento e exposição de suas fragilidades, parcialidades e limites de sua abordagem;
- g) Conexão entre ensino e pesquisa, visto que a presença de estudantes nos espaços de trabalho, possibilita a renovação e crítica constante ao mesmo;
- h) Estabelecimento de técnicas e abordagens para a prática diária de maneira mais coletiva possível de modo que possa contar com diferentes categorias profissionais;

- i) Quebra dos limites institucionais (desinstitucionalização), de forma a estimular os profissionais a usar suas habilidades extraprofissionais, ou seja, criando um ambiente propício a práticas interdisciplinares;
- j) Reafirmar a complexidade da realidade e das demandas inerentes ao trabalho, por meio da própria fala dos usuários e seus familiares.

Rizotti (1992, apud NOGUEIRA, 1998, p. 46), acredita que “o trabalho pode ser articulado e integrado quando pautado na autonomia de profissionais que elaboram objetivos tornando-os comuns a todos, constituindo-se assim uma equipe [...] devidamente organizada e coesa”. Para tanto, do mesmo modo que Vasconcelos (2008) trouxe algumas recomendações para práticas interdisciplinares, Nogueira (1998) colabora com algumas sugestões para o trabalho em equipe interdisciplinar, e são elas:

- a) Reconhecimento da necessidade da ação em equipe, para além das normas burocráticas;
- b) Articulação do trabalho coletivo, para que se estabeleçam objetivos em comuns e se reflitam sobre os mesmos;
- c) Estabelecimento permanente de canais de comunicação entre os componentes da equipe que integram saberes e práticas, a fim de superar divergências, teóricas, metodológicas e estratégicas;
- d) Preservação da ação reflexiva sobre o processo de trabalho em equipe interdisciplinar;
- e) Auto-organização da equipe para aceitação dos objetivos e definições, no que diz respeito ao processo de trabalho, fazendo necessário trabalhar tensões e conflitos, já que uma equipe é composta por diferentes sujeitos;
- f) Cada componente da equipe deve ter claro seu papel, limites e possibilidades diante do conjunto, assim como dos demais;
- g) Ter presente o espírito de equipe, através da qualidade do vínculo interpessoal entre os profissionais, pela ética, respeito e solidariedade;
- h) Assessoria externa, para que os integrantes da equipe possam construir uma ação integrada, assim como discutir bloqueios e dificuldades a fim de serem superadas;
- i) Alteração do processo de trabalho, de individual, para uma ação em equipe interdisciplinar.

Diante do exposto, faz-se necessário pensar metodologias e formas de trabalho em equipe interdisciplinar levando em consideração o contexto histórico e social, uma vez que a produção do conhecimento dá-se a partir desses processos. De modo que, possibilite a integração dos saberes e ações e o rompimento de práticas autoritárias e hierarquizadas, pois a equipe como um “organismo vivo” (MACEDO, 2007, p. 39), é um ambiente profícuo à tensionamentos e conflitos, ao mesmo tempo que pode ser favorável a mudanças e transformações. De acordo com Nogueira (1998, p. 47), para a prática interdisciplinar é preciso possuir:

A abertura para o novo, para o desconhecido, para a mudança é um dos requisitos para o sucesso do trabalho interdisciplinar, o qual supõe reconhecer o conhecimento do outro, as trocas e as reflexões com inúmeros pontos de vista diferenciados, a complementaridade e a construção de projetos com objetivos comuns.

Reconhecer a necessidade de um processo de trabalho em parceria em virtude da complexidade da realidade, é o primeiro passo para a abertura de canais de troca de informações, conhecimentos e o estabelecimento de diálogos entre os profissionais. Através das trocas e do envolvimento dos trabalhadores dá-se a iniciativa a práticas interdisciplinares, no entanto não é somente isso que vai garantir que os processos de trabalho vão se dar de maneira interdisciplinar, uma vez que deve se considerar também o contexto institucional, bem como se o mesmo não tende a manter métodos de trabalho controlistas sobre os profissionais.

O que se sabe, é que as diferenças estão colocadas e o que se deve fazer é tentar buscar o que existe em comum nos processos de trabalho e nesse aspecto é importante trabalhar na equipe um método de reflexão sobre a prática de trabalho e tudo que a envolve, ou seja, falta de recursos materiais e humanos, falta de compromisso de alguns colegas de trabalho e tomadas de decisões conflitantes, que podem influenciar no mesmo.

2.5 DIFICULDADES E DESAFIOS AO TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Compreende-se o trabalho em equipe como possível para uma atuação interdisciplinar de maneira que possa romper com práticas mecanicistas, fragmentadas e/ou superespecializadas. Em vista do potencial e do significado da atuação de forma integrada, instituir processos de trabalho em parceria é algo

necessário, devido à incapacidade de uma área do conhecimento, ou seja, um único profissional por si só, de dar conta de compreender e explicar a realidade que é cada vez mais complexa e que, em consequência, exige a atenção de múltiplos campos do saber.

Diante desse aspecto, o trabalho em equipe interdisciplinar torna-se fundamental para o rompimento de ações parcializadas, pautadas na especialização, assim como colabora para a troca de conhecimentos de maneira horizontal, respeitando as especificidades de cada profissional.

No entanto, ao refletir sobre o trabalho em equipe interdisciplinar revelam-se dificuldades que são intrínsecas a esta atividade e que precisam ser abordadas a fim de serem pensadas e trabalhadas pelos sujeitos envolvidos, uma vez que o próprio trabalho em equipe é gerador de angústias e divergências.

Essas barreiras e limites ao exercício em equipe interdisciplinar, de acordo com Vasconcelos (2008, p. 53), formam “um conjunto de estratégias de saber/poder, de competição intra e intercorporativa e de processos institucionais e socioculturais muito fortes, que impõem barreiras profundas à troca de saberes e a práticas interprofissionais colaborativas e flexíveis”, conforme Vasconcelos (2008), são as seguintes:

- a) A divisão social e técnica do trabalho e a constituição dos saberes como estratégia de poder, uma vez que cada profissão possui um espaço técnico e socialmente reconhecido, assim como saberes próprios que legitimam seu espaço de atuação;
- b) Mandato social sobre um campo profissional, ou seja, cada profissão possui saberes e competências próprias, que o Estado formaliza através de um mandato social que autentica a tomada de decisões;
- c) Institucionalização de organizações corporativas como os sindicatos, associações e conselhos profissionais que acabam por criar fronteiras de saber e competências com outras profissões;
- d) Cultura profissional que cada grupo ou subgrupo profissional assume, isto é, valores culturais, e identidades sociais que interferem nas práticas de trabalho.

O trabalho em equipe multiprofissional por si só é produtor de tensões e conflitos, em virtude de haver diferentes interesses de poder, igualmente leituras de homem e de mundo sobre esse processo. Todavia, vale lembrar que os desafios e

limites às práticas de trabalho em equipe interdisciplinar encontram-se diretamente relacionados ao contexto social e histórico ao qual a equipe encontra-se inserida. De modo que Frigotto (2011), compreende como um dos desafios à prática interdisciplinar os limites dos sujeitos envolvidos nos processos de trabalho e a complexidade dos fatos históricos. Da mesma maneira, traz o próprio plano material histórico e cultural como um problema para o trabalho interdisciplinar e a sua socialização. Diante disso:

A interdisciplinaridade se apresenta como um problema pelos limites do sujeito que busca construir o conhecimento de uma determinada realidade e, de outro lado, pela complexidade desta realidade e seu caráter histórico. Todavia esta dificuldade é potenciada pela forma específica com que os homens produzem a vida de forma cindida, alienada no interior da sociedade de classes. (FRIGOTTO, 2011, p. 41).

Assim sendo, tais limites acham-se em consonância com as barreiras elencadas anteriormente por Vasconcelos (2002), já que na sociedade de classes tais processos encontram-se imbricados. Nela também alimenta-se a competição entre os profissionais de áreas distintas de conhecimento, como também entre profissionais de uma mesma área. Segundo Vasconcelos (2002, p. 53) ocorrem “várias tentativas de ‘usurpar’ competências e de ‘imperialismo’ entre profissões”, gerando barreiras à prática em equipe interdisciplinar.

Outros desafios que se colocam é justamente transpor o trabalho meramente técnico hierarquizado, para um trabalho com interação entre os profissionais, com maior horizontalidade e flexibilidade dos diferentes poderes, propiciando maior autonomia e criatividade e, como consequência, maior integração da equipe. O que necessariamente reivindica uma mudança na própria sociedade e seu modo de organização e gestão, em outras palavras, é necessário romper com os processos de dominação e exploração vigentes.

Diante disso, Frigotto (2011, p. 46) diz que, “a superação mais profunda dos limites que encontramos na produção do conhecimento [...] somente se dará de forma mais efetiva na medida que forem sendo rompidas as relações sociais que fornecem a base material destes limites”.

O trabalho em equipe interdisciplinar enfrenta barreiras também no que diz respeito à criação de identidades por categorias profissionais, que acaba por interferir na relação destes profissionais com trabalhadores de outras áreas, tal como intervindo na leitura dessa categoria profissional sobre o processo de trabalho.

Sobre essa construção de identidades, Vasconcelos (2011, p. 54) acrescenta que esses profissionais, “filtram os estímulos que recebem do ambiente, estabelecem os rituais de verdade e padrões de competência, organizam os dispositivos de ação e, dessa forma, dão segurança e *status* aos profissionais”. Assim, o trabalho em equipe interdisciplinar estremece o que se encontrava seguro, da mesma maneira que exige o confronto de limitações pessoais e profissionais e, como consequência, ameaça essa identidade conquistada. Nesse sentido, Nogueira (1998, p.45) colabora:

O reconhecimento formal da competência para exercer um tipo de prática e saber, isto é, o saber competente para intervir socialmente, é fruto de longa maturação. Quando há a chancela do Estado ratificando esta competência via regulamentação profissional, qualquer situação que, aparentemente, possa limitar ou reduzir essa regulamentação é vista como ameaçadora e imediatamente afastada.

É desafiador o trabalho que envolve diversos profissionais, com formações distintas, com experiências díspares, bem como com visões de homem e de mundo diferentes. Ainda mais, tudo isso somado a inserção em um contexto social, político, econômico e ideológico de contrarreformas trabalhistas e desregulamentação dos direitos sociais. Todas essas questões formam algum tipo de barreira que interfere diretamente no processo de trabalho em equipe interdisciplinar, uma vez que, para minimizar a interferência que estes fazem sobre os profissionais e sobre o processo de trabalho é necessário muito mais do que propriamente vontade.

A divisão técnica (cada um faz uma parte do trabalho) e social (é atribuído diferentes valores sociais para cada parte do trabalho) do trabalho corrobora demasiadamente para a imposição de barreiras e limites à prática em equipe interdisciplinar, visto que não há como pensar essa metodologia de trabalho dissociada do contexto social e histórico, já que o trabalho em equipe interdisciplinar sofre forte influência do mesmo. Assim, Nogueira (1998, p. 46) traz o seguinte, “categorias com *status* econômico e social fortemente diferenciado, são historicamente reconhecidas pela competência estabelecida e têm maior dificuldade em trabalho coletivo”.

O cenário do mercado de trabalho, é outro forte aliado a criar empecilhos ao trabalho em equipe interdisciplinar, em consequência de um aumento estrutural do desemprego. Sobre isso Nogueira (1998, p. 46) discorre o seguinte: “o receio da perda de emprego ou de funções profissionais, que tendem a ser diluídas entre categorias afins, provoca cisões que abalam as possibilidades de um processo de

trabalho coletivo”. Diante disso, por receio de perder seus empregos muitos profissionais além de assumirem funções que não seriam de sua alçada, percebem o ambiente de trabalho como um “campo de batalha”.

Os processos de trabalho são constituídos de diferentes cenários, cada qual com suas particularidades, ainda assim a cultura de cada campo de trabalho e a maneira como o mesmo se dá nesse local, acaba por interferir na dinâmica do trabalho em equipe interdisciplinar. Juntamente a isso, há a junção de vários profissionais nesses diversos ambientes, o que colabora ainda mais para a imposição de limites ao trabalho em equipe interdisciplinar, devido à personalidade, à dimensão ética e à motivação de cada integrante da equipe.

Considerando o trabalho em equipe como um entrelaçado entre diferentes profissionais e seus respectivos ramos de conhecimento. Fica evidente que as relações interpessoais interferem diretamente na busca por uma prática em equipe interdisciplinar, pois conciliar essas relações pessoais e de interesses, pensando em estabelecer um processo de trabalho em conjunto, torna-se algo extremamente desafiador.

Por fim, cabe trazer o diálogo ou melhor a falta dele como empecilho ao trabalho em equipe interdisciplinar, haja vista que o mesmo é imprescindível para esse modo de trabalho, no qual há a troca de saberes e busca-se a construção de conhecimento e práticas integradas. Nesse sentido, Carrijo, Porto e Bertani (2003, p.46) acrescentam: “diálogo é um dos aspectos da maior importância para uma relação interdisciplinar, mas pode tornar-se um obstáculo à mesma, pois cada disciplina possui linguagem específica”.

Neste seguimento, trabalhar o diálogo dentro da equipe é algo primordial para que o processo de trabalho se dê de uma maneira mais colaborativa e dessa forma, em conformidade com Silva e Trad (2005, p. 30) haja interação, “entendida como construção de consensos, em relação a objetivos e resultados a serem alcançados pelo conjunto dos profissionais”, do mesmo modo que possa se construir uma linguagem em comum entre a equipe.

3 O TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR: APORTES TÉCNICO-OPERATIVOS

No contexto atual a exigência por profissionais capazes de trabalhar de maneira conjunta, devido à complexidade da realidade, faz do trabalho em equipe numa perspectiva interdisciplinar, a melhor possibilidade de enfrentamento as fronteiras impostas pelo modo de produção capitalista e a maneira como o mesmo interfere na produção e reprodução do conhecimento e, conseqüentemente, nas relações de trabalho. Logo, abordou-se a interdisciplinaridade como forma de compreensão da realidade, na medida em que realiza uma relação entre o uno e o múltiplo, ou seja, implicando necessariamente uma relação dialética entre os diferentes ramos do saber em nível teórico e prático.

A interdisciplinaridade, desde que inserida no contexto sócio-histórico, é vista neste capítulo como melhor possibilidade de percepção e conexão, de forma colaborativa, horizontal e respeitosa entre os diferentes especialistas. Ao mesmo tempo que, é muitas vezes entendida como problemática, levando em consideração a complexidade da realidade frente às limitações dos sujeitos envolvidos nos processos de trabalho. No entanto é no plano material, isto é, histórico e social que é possível vislumbrar as barreiras e as possibilidades do trabalho em equipe interdisciplinar.

O trabalho em equipe interdisciplinar não é somente enfrentamento aos trabalhos particularizados, mas também expressão das relações sociais e de classe, tornando-se manifestação concreta das diferenças impostas pelo modo de produção vigente, o que reivindica seu necessário entendimento em conformidade com o contexto histórico e social de maneira crítica. Em uma via de entendimento oposta, tem-se a neutralidade diante dos processos de trabalho, que abre brechas para uma percepção reducionista e voluntarista do trabalho em equipe interdisciplinar.

Percebeu-se a interdisciplinaridade como método de trabalho em equipe multiprofissional, uma vez que demanda interação, troca de conhecimentos e respeito entre os diferentes profissionais e suas áreas de conhecimento. Esses elementos combinados, fazem com que os processos de trabalho ocorram numa perspectiva integradora, cujos profissionais são partes importantes de uma totalidade maior, no qual se reconhece o valor dos saberes particulares, mas para além disso, constata-se o alcance dos saberes em conjunção.

Por fim, fez-se necessário abordar as possibilidades e limites ao trabalho em equipe interdisciplinar em diferentes espaços sócio-ocupacionais, ou melhor, em âmbito público, privado e do Terceiro Setor. Pois, compreendeu-se que assim como o contexto histórico e social, o espaço institucional pode revelar diferentes aspectos que acabam por interferir direta e/ou indiretamente nas relações de trabalho, assim como nos processos de trabalho e, conseqüentemente, no seu andamento e concretização.

3.1 A INTERDISCIPLINARIDADE COMO INSTRUMENTO DE COMPREENSÃO DA REALIDADE

A interdisciplinaridade e sua necessária produção de conhecimento tem como base o caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e múltipla e na natureza intersubjetiva de sua apreensão (Frigotto, 2011). Dessa maneira, a divisão de um determinado objeto nos é imposto pelo processo de conhecimento ao qual historicamente estamos inseridos, apesar de que não devemos abandonar as inúmeras determinações que compõem tal objeto. Em outras palavras, não podemos esquecer que mesmo delimitado, um objeto não perde sua totalidade, de que faz parte intrinsecamente.

De acordo com Paviani (2008, p. 40) fica claro que “nenhuma disciplina ou ciência possui autonomia suficiente para realizar de modo pleno e exclusivo o ideal de unidade”. Nesse sentido, se faz necessário mudanças de conceitos, transferências de teorias e metodologias de conhecimento, entre as diferentes disciplinas, de maneira que possam colaborar na articulação das esferas do conhecimento e, em vista disso revele que a variedade dos níveis e graus de conhecimento conserva uma unidade fundamental na compreensão da realidade.

Procurar a apreensão da totalidade concreta conforme Kosik (1978 apud Frigotto, 2011, p. 37), “não é tudo e nem é a busca do princípio fundador de tudo”. Significa que se devem explicitar as múltiplas determinações históricas que constituem um objeto de pesquisa delimitado. De maneira a superar as barreiras de conteúdos dados pela especificidade de uma determinada disciplina. O que faz necessário a busca da interdisciplinaridade como necessidade imperativa na construção do conhecimento social.

Conforme Paviani (2008, p. 40), “a mediação do uno e do múltiplo pode ser considerada como um movimento interdisciplinar”, sendo a busca da unidade na multiplicidade o modo pelo qual cria-se uma maneira contínua de articulação entre as diversas áreas de conhecimento, bem como de seus especialistas na compreensão da realidade e suas múltiplas manifestações.

Dessa forma, a interdisciplinaridade tem como objetivo de possibilitar elos comuns para a troca de conhecimentos, na leitura da realidade, sem diminuir ou retirar as especificidades das ciências ou disciplinas, ou seja, é conservando as diversas disciplinas e ao mesmo tempo superando as barreiras e as diferenças entre elas e as áreas de conhecimento (PAVIANI, 2008).

Modificar a natureza e a função das múltiplas disciplinas é característico da interdisciplinaridade, isto é, “sem o princípio da unidade e da multiplicidade, não seria possível a mediação interdisciplinar” (PAVIANI 2008, p. 41). Assim, através da interdisciplinaridade é possível “criar uma ponte” da unidade à multiplicidade, assim como entre os diferentes saberes, o que causa uma integração e participação de todos os sujeitos envolvidos nos processos de trabalho.

Por conseguinte, o trabalho em equipe interdisciplinar torna-se um instrumento proveitoso para o exercício dialético na busca da compreensão da realidade, uma vez que os profissionais dessa equipe na tentativa por solucionar problemáticas, necessariamente precisam realizar essa mediação entre os diferentes ramos do saber, isso tanto em nível teórico quanto prático. Em vista disso, realizam a articulação entre a especificidade e a multiplicidade do saber, que encontra-se em um constante processo de construção, haja vista que sofre grande influência de cada momento histórico/social.

Para um trabalho em equipe interdisciplinar indispensavelmente se faz necessário a colaboração, comunicação e o intercâmbio entre os conhecimentos de diferentes áreas do saber, ou seja, a aproximação apenas em nível técnico entre os profissionais de uma equipe interdisciplinar, em que mesmo fazendo parte dessa equipe cada profissional se dedica a sua especialidade não concretiza esse modo de trabalho, em que se faz essencial a conciliação entre o uno e o múltiplo. Nas palavras de Paviani (2008, p. 41), “a má interdisciplinaridade não age conforme o espírito dialético da unidade e da multiplicidade”.

Nesse sentido, para compreender a realidade, a interdisciplinaridade tornou-se um instrumento imperativo a julgar pela complexidade dessa realidade que é

histórica e social, bem como os limites impostos pelas disciplinas que tornam o entendimento da mesma por um único e exclusivo ramo do saber, inviável. Ao mesmo tempo que tornou-se um problema, levando em consideração as mesmas coisas, isto é, os limites de quem investiga essa realidade *versus* a complexidade da realidade. Diante do exposto, Frigotto (2011, p. 42) vai dizer onde se situa esse problema:

Primeiramente e fundamentalmente ele se situa no plano ontológico, ou seja, na forma histórica concreta mediante a qual os seres humanos estabelecem suas relações sociais de produção. Secundária e conseqüentemente este problema se manifesta no plano especificamente epistemológico, teórico e na práxis.

Assim a produção de conhecimento e a maneira como a mesma se dá, do mesmo modo que a sua socialização e, conseqüentemente, as relações de trabalho, estão sujeitas ao sistema de produção ao qual estamos inseridos enquanto cidadãos/trabalhadores assalariados, e as formas de alienação que este modo de produção estabelece nessa sociedade de classes, se revelando como uma barreira a interdisciplinaridade, bem como ao trabalho em parceria. Por isso, de acordo com Frigotto (2011, p. 41), “[...] mesmo que se atinja um elevado nível de capacidade crítica, nenhum sujeito individual dá conta de exaurir determinada problemática”, tendo em vista que sua abordagem será unidisciplinar e as limitações impostas pelo contexto social e histórico.

Portanto na procura por assimilar a realidade e/ou um objeto de uma maneira mais abrangente possível, se chegou aos processos de trabalho em parceria numa perspectiva interdisciplinar como uma maneira para tal. Tornando-se um desafio constante refletir e instituir essa atividade, diante dos inúmeros empecilhos que rondam essa prática e tendo em vista os processos de dominação, exclusão e alienação que separa os homens em classes. No entanto Frigotto (2011, p. 43), vai dizer que:

Certamente é neste mesmo plano, onde os seres humanos se produzem enquanto os seres da natureza, enquanto individualidades, mas sempre enquanto seres resultantes das relações sociais, que podemos perceber os limites e as possibilidades do trabalho interdisciplinar.

“É nesta materialidade (sempre histórica e social) que os homens produzem suas ideias, teorias e concepções” (Frigotto, 2011 p. 43). Dessa maneira, o trabalho em equipe interdisciplinar está inserido nesse contexto de produção e reprodução das relações sociais e de classe, e dele sofre influência, fazendo com que se leve

em consideração o mesmo, pois caso contrário esse tipo de trabalho pode ser considerado como a salvação para todos os problemas. Logo ter em consideração o momento histórico é um fator extremamente relevante na compreensão do trabalho em parceria, seus limites e possibilidades, assim como da realidade que se busca atuar. Uma vez que conforme Frigotto (2011, p. 44), “não só o dominado é limitado sob estas condições, mas os próprios dominadores”.

O ser humano produz a sua existência, representações, ideias e consciência social perante as relações de classe e, é neste mesmo âmbito que se dá a produção de conhecimento histórico. Dessa maneira a produção e a socialização do conhecimento não se dá afastada aos antagonismos, conflitos e relações de força que se engendram entre as diferentes classes sociais (FRIGOTTO, 2011). Nesse sentido o trabalho em equipe interdisciplinar, torna-se uma expressão das relações da sociedade, visto que é constituído por sujeitos distintos que vivem diariamente processos de alienação e são esses mesmos sujeitos que buscam realizar processos de trabalho em parceria.

Considerando o que foi trazido, fica evidente que o trabalho em equipe interdisciplinar deve ser construído cotidianamente pelos profissionais envolvidos nessa empreitada, de maneira crítica, construtiva, com horizontalidade, aberta para trocas e, também sobretudo comprometidos com um projeto político, que possa emancipar não somente os usuários, como também os próprios trabalhadores. Pois, em conformidade com Frigotto (2011, p. 48):

É preciso insistir que esta visão integracionista e neutra de conhecimento e de interdisciplinaridade - que é dominante entre nós - não é fortuita e tampouco fruto de atraso do desenvolvimento científico. É, pelo contrário - consciente ou inconscientemente -, uma forma específica de conceber a realidade, de representá-la e de agir concretamente na história social.

Assim essa modalidade de trabalho em que estão presentes profissionais de diferentes áreas de conhecimento, primeiramente deve ser vislumbrada como potencial para o trabalho em equipe interdisciplinar, de modo que esses profissionais possam colaborar entre si, através do diálogo como forma de instituir a interdisciplinaridade, em um primeiro nível. Para que logo após, se possa firmar objetivos comuns na busca por instituir práticas de trabalhos mais colaborativas, tendo em vista o contexto político, econômico e social ao qual estamos inseridos, bem como aos usuários dos serviços.

3.2 A INTERDISCIPLINARIDADE COMO MÉTODO DE TRABALHO EM EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

Os profissionais, quando necessitam intervir na realidade não buscam conhecimentos somente em uma única área do saber, mas sim em diferentes ciências ou disciplinas. A enfermeira, por exemplo, não trabalha apenas com o corpo de um indivíduo, mas com um ser que é social e que se encontra inserido dentro de uma sociedade de classes, valores e culturas que, conseqüentemente, demanda conhecimentos de várias disciplinas, mesmo que ela atue dentro de uma determinada especialidade (PAVIANI, 2008). Nenhuma disciplina por si só dá conta de uma atenção integral ao ser humano, uma vez que há a necessidade de se levar em consideração as condições sociais, emocionais, afetivas, históricas e biológicas, desse sujeito.

A interdisciplinaridade é condição básica para uma atuação profissional mais flexível e de acordo com o exercício de novas demandas. Muitos profissionais para desempenhar suas funções necessitam, além de qualidades pessoais, de conhecimento de Matemática, de Economia, de Direito, de Psicologia, de Sociologia e de outras áreas do saber (PAVIANI, 2008). Dessa maneira, a ação profissional na busca de soluções para as demandas e visando o atendimento ao indivíduo como um todo, requer uma abordagem interdisciplinar.

O profissional que realiza o processo de trabalho de maneira isolada, dificilmente poderá dar conta de assegurar a realização de uma abordagem integral do sujeito. O que faz necessário que o atendimento aos usuários, bem como a suas demandas, ocorra numa perspectiva interdisciplinar, através da valorização do trabalho em equipe interdisciplinar. Pois, de acordo com Paviani (2008, p. 59), “a formação profissional pressupõe ação interdisciplinar, primeiro, na aquisição de conhecimentos, isto é, na sua formação científica e intelectual e, depois, na aplicação de conhecimentos na solução de problemas ligados à profissão”.

A articulação de diferentes saberes profissionais corrobora para a efetivação na prática, da integralidade, isto é, a fragmentação das ações no processo de trabalho é uma das responsáveis pela não efetivação da integralidade no atendimento aos usuários. Essa fragmentação diz respeito à excessiva especialização, decorrente da divisão sócio-técnica do trabalho no capitalismo, especialmente no taylorismo-fordismo. Entretanto, o trabalho em equipe

interdisciplinar é fundamental para a implementação da totalidade das ações na busca de uma atenção integral às demandas advindas dos usuários.

A singularidade e complexidade de cada sujeito ultrapassam os saberes de uma única disciplina, o que necessariamente exige uma atuação em equipe interdisciplinar, pois o aprofundamento do conhecimento em áreas específicas pode não contemplar a articulação das ações, assim como dos saberes de uma maneira interdisciplinar. Nesse sentido, a equipe interdisciplinar torna-se um ambiente vantajoso para a troca, integração e somatória de conhecimentos, de maneira a romper com as divisas impostas pela especialização. Colaborando Silva e Lima (2012, p. 118) trazem que:

O exercício interdisciplinar pode permitir a construção de espaços novos, permeados pela reciprocidade, tanto no diálogo quanto nas vivências, para que ações e resultados questionem os conhecimentos adquiridos e os métodos praticados, numa lógica de retroalimentação, de cooperação e de complementaridade de saberes, com perspectiva centrada na demanda/necessidade concreta do usuário.

Na procura por realizar o trabalho numa perspectiva interdisciplinar, o que exige a tomada de decisões de maneira conjunta, os profissionais trabalham a comunicação entre a equipe multiprofissional. Além disso, a realização do trabalho em equipe interdisciplinar contribui para a valorização de todos os profissionais e melhora a integração dos membros da equipe, na medida em que o trabalho é pensado na busca de consensos acerca da finalidade e da maneira de executar as ações.

A interdisciplinaridade reivindica mais do que a interação de diferentes profissionais em um espaço de trabalho, trocando informações em nível teórico e/ou prático. Conforme Sampaio et al. (2010, p. 82), “a interdisciplinaridade exige que cada especialista ultrapasse os seus próprios limites, abrindo-se às contribuições de outras disciplinas”. Nesse sentido, reclama um enriquecimento recíproco entre os especialistas, para que juntos possam tentar romper com as amarras das especialidades, bem como aquelas impostas pela materialidade histórica e social.

Tanto o trabalho em equipe quanto a interdisciplinaridade se encontram intrinsecamente relacionados, na medida em que um precisa do outro para romper com as barreiras e limites impostos pelos marcos disciplinares, tal qual pelas individualidades de cada profissional. Então para um trabalho em equipe multiprofissional que visa romper com as fronteiras de saberes parcelares, na busca

por processos de trabalho realmente coletivos, se faz necessário refletir sobre todos os aspectos que envolvem o trabalho em equipe, salientando que tais processos de trabalho se encontram inseridos dentro de uma sociedade de classes com interesses antagônicos. Considerando-os, em uma perspectiva interdisciplinar, de maneira que ela vai exigir dos profissionais dessa equipe envolvimento, transferência de conhecimentos, horizontalidade, comunicação, abertura para o diferente, entre outros aspectos. Caso contrário esse trabalho em equipe poderia se caracterizar como multidisciplinar ou pluridisciplinar, não contemplando as ações de modo interdisciplinar.

As equipes de trabalho são pré-condição para sua existência [da interdisciplinaridade], sendo constituídas por profissionais com qualificações diversas, que interagem de forma a estabelecer uma troca intensa, pautada em objetivos comuns, com interdependência, coesão e cooperação. (ELY, 2003, p. 114).

Dessa maneira, para que a interdisciplinaridade se de como método de trabalho em equipe multiprofissional, ela deve se dar em um primeiro nível, ou seja, na construção do conhecimento para que os profissionais juntos estabeleçam conexões, de forma a criar pontes entre as diferentes áreas de conhecimento e, assim planejar suas ações e objetivos como equipe, que mesmo com as dificuldades intrínsecas a essa prática podem por meio da mesma viabilizar a interdisciplinaridade, para que finalmente ela se transforme em ação concreta.

Colaborando Severino (2010, p. 20) diz o seguinte, “a interdisciplinaridade implica, no plano prático-operacional, que se estabeleçam mecanismos e estratégias de efetivação desse diálogo solidário no trabalho científico”. Em outras palavras para que a interdisciplinaridade se efetive em âmbito interventivo, há que se ter claro entre os profissionais a necessária integração de saberes especializados durante o processo de trabalho, frente à complexidade da realidade, para “implementação mais efetiva de ações profissionais que se pretendem interdisciplinares” (NOGUEIRA, 1998, p. 43).

Para se constituir, a perspectiva interdisciplinar não opera uma eliminação das diferenças: tanto quanto na vida em geral, reconhece as diferenças e as especificidades, convive com elas, sabendo, contudo, que elas se reencontram e se complementam, contraditória e dialeticamente. (SEVERINO, 2010, p. 20).

Nesse sentido, eliminar as diferenças seria o mesmo que anular uma parcela da totalidade, excluindo as diversas formas de ver e compreender o mundo e o real.

Para além disso, é por meio de conhecimentos distintos que se trabalha em equipe interdisciplinar, uma vez que somente através deles que se constrói novas maneiras de entender e intervir na realidade, da mesma maneira que se pode efetivar a interdisciplinaridade. “[...] O que se pretende não é anular a contribuição de cada Ciência em particular, mas uma atitude que impeça o estabelecimento da supremacia de certa Ciência, em detrimento de outra” (SAMPAIO et al. 2010, p.83).

Para que uma equipe multiprofissional trabalhe de acordo com a interdisciplinaridade, os trabalhadores necessitam estar abertos a trocas e ao aprendizado constante, ressaltando que na interdisciplinaridade nada é fixo, tudo é mutável na medida em que as interações crescem e o conhecimento é sempre aproximativo, jamais acabado. Conforme Sampaio et al. (2010, p. 88), “a interdisciplinaridade supõe uma relação de reciprocidade e interação de conhecimentos, contrapondo-se atitudes isoladas e fragmentárias”.

A interdisciplinaridade situa-se, portanto, em um nível avançado de cooperação e coordenação, de forma que todo o conhecimento seja valorizado, com relações de intersubjetividade e de co-propriedade baseadas em uma atitude de diálogo. Nesta interação e articulação entre as diversas áreas do saber envolvidas, é preciso haver respeito à autonomia e a criatividade inerentes a cada uma destas áreas, para que não sejam influenciadas ou excluídas deste processo. (ELY, 2003, p. 114).

Nesse aspecto, a interdisciplinaridade vai servir de mediadora do processo de trabalho em equipe, de modo que jamais vai eliminar as diferenças, muito pelo contrário, vai trabalhar a partir delas de maneira criativa e propositiva na busca por um trabalho em conjunto, o mais dialogado e horizontal possível. De acordo com Etges (2011, p. 84), “[...] deverá ser um mediador que possibilita a compreensão da ciência, além de formas de cooperação a um nível bem mais crítico e criativo entre os cientistas”.

Finalmente a interdisciplinaridade torna-se moderadora da comunicação entre os diferentes profissionais e seus conhecimentos. Primeiramente de maneira singular, quando o profissional compreende a sua área de conhecimento, posteriormente entre os diferentes profissionais e seus saberes, por último para deles com o senso comum. Por esse ângulo, a interdisciplinaridade torna-se acréscimo teórico-prático para ultrapassar os limites encontrados durante os processos de trabalho (ETGES, 2011).

3.3 TRABALHO EM EQUIPE INTERDISCIPLINAR POSSIBILIDADES E LIMITES EM DIFERENTES ESPAÇOS SÓCIO-OCUPACIONAIS

Os dilemas mais urgentes do século XX escapam à qualificação dos especialistas, uma vez que o conhecimento se perde diante da complexidade da realidade (SAMPAIO et al. 2010). O trabalho em equipe interdisciplinar é uma forma de enfrentamento a construção do conhecimento e aos processos de trabalhos superespecializados, oriundos da ruptura do saber, como também da divisão social e técnica do trabalho. Parafraseando Severino (2010, p. 15), “o positivismo torna-se, portanto, no limiar da contemporaneidade, o maior responsável pela fragmentação do saber e o maior obstáculo à própria interdisciplinaridade”.

A concepção fragmentária da Ciência, tal qual foi consolidada pelo Positivismo no contexto do mundo contemporâneo, relaciona-se de forma íntima com um processo de divisão técnica do trabalho humano, que arrasta consigo uma correspondente divisão social do trabalho, diluído no taylorismo da ação técnico-profissional. (SEVERINO, 2010, p. 16).

Dessa forma faz-se necessário a implantação de formas de trabalho compartilhadas, em que os diferentes profissionais sintam-se partes da totalidade das ações, de modo que partilhem saberes para um melhor diálogo entre os diversos campos do saber. Espera-se que assim, possam reconhecer seus limites, abrindo brechas para a colaboração de outros especialistas, uma vez que a superação da visão unidisciplinar, além de uma questão epistemológica, é também uma questão política. Isto porque o conhecimento fracionado funciona a favor das classes dominantes. Sobre isso, Severino (2010, p. 17) afirma que trata-se “de reavaliar o papel da Ciência e do Saber em suas relações com o poder”.

Evidente que nas últimas décadas a interdisciplinaridade tornou-se um conceito igualmente funcional à nova fase do capitalismo reestruturado. Nesse sentido é importante refletir sobre o trabalho em equipe interdisciplinar na sua relação com a sociedade e as relações de produção, para que possamos reconhecer o direcionamento ético-político da proposta e os projetos societários em disputa pelo conhecimento e sua apropriação.

Assim, a interdisciplinaridade nos revela algumas possibilidades e inúmeros limites a sua concretização. Na perspectiva do projeto ético-político profissional, especialmente, considerando os diferentes espaços sócio-ocupacionais por meio dos quais se desenvolve o trabalho em equipe. Ely (2003) afirma que, a postura

assumida pelos diferentes profissionais relaciona-se com as áreas de atuação em que se dá o trabalho interdisciplinar. Portanto faz-se relevante abordar o trabalho em equipe em âmbito público, privado e no terceiro Setor.

3.3.1 Setor Público

Refletir sobre as relações e processos de trabalho na esfera pública implica levar em consideração as relações conflituosas entre sociedade e Estado que acabam por interferir direta e indiretamente nas relações de trabalho, seja ela individual ou coletiva, de maneira que trazem limites e possibilidades ao trabalho em equipe interdisciplinar. Nessa continuidade Raichelis (2009, p. 4) salienta que, “o Estado não é algo separado da sociedade, sendo, ao contrário, produto desta relação, que se transforma e se particulariza em diferentes formações sociais e contextos históricos”.

Nas instituições públicas, o trabalho interdisciplinar enfrenta limitações no sentido de que com os desmontes de direitos e a constante falta de recursos, houve uma perda na crença dos serviços prestados neste setor. Disso decorre que os trabalhadores da equipe tendem a enfrentar limitações em suas ações, ao passo de que em vista disso, necessitam criar estratégias de enfrentamento a essas demandas, que acabam por exigir mais dessa equipe nesse aspecto, do que uma equipe interdisciplinar do setor privado.

Nesse sentido, os trabalhadores estão sujeitos a rebatimentos, que interferem diretamente na construção e consolidação do trabalho em equipe interdisciplinar, a exemplo da crescente terceirização dos serviços, que de acordo com Raichelis (2009, p. 8) “desconfigura o significado e a amplitude do trabalho técnico”. A alta rotatividade dos profissionais terceirizados, a precariedade e a instabilidade do vínculo laboral colocam em xeque a possibilidade do engajamento e da construção de um trabalho em conjunto de qualidade, pois o trabalho em equipe interdisciplinar demanda tempo e condições adequadas para reunião, discussão de casos, encaminhamentos, entre outros aspectos.

Para Marques e Ramalho (2010, p. 68), “em equipe interdisciplinar os profissionais buscam contribuir com os conhecimentos técnico-científicos de sua disciplina, estudo e superação de determinadas situações”. Ainda assim, vale salientar que ao mesmo tempo “exige nova capacitação teórica e técnica, mas

também ético-política” (Raichelis, 2009, p. 13), em razão de que o domínio público concentra claramente as relações histórico/sociais mais adversas, oriundas das relações de classe. Fazendo com que as relações de trabalho em equipe interdisciplinar necessitam do reforço uma postura ético-política, capaz de democratizar o acesso ao conhecimento como forma de enfrentamento às desigualdades.

Em outras palavras, é imprescindível que os profissionais de uma equipe interdisciplinar ao passo que cooperam entre as diferentes áreas de conhecimento na resolução de problemáticas, possam agir mutuamente no campo ético e político, enquanto sujeitos pertencentes a uma sociedade de classes antagônicas e com interesses distintos, ou seja, é preciso que estes profissionais possuam além de tudo capacidade crítica, como também construtiva. Segundo Marques e Ramalho (2010, p. 73):

Sabemos, também, que na organização social, a sociedade capitalista nos divide, fundamentalmente, em duas classes sociais: as que detêm os meios de produção e, portanto, o poder político-econômico, e a que está expropriada dos meios de produção e tem como alternativa para sobreviver a venda de sua força de trabalho. A população então se transforma em uma “mercadoria”. Mas uma mercadoria especial, porque seu trabalho gera riqueza que, acumulada pelos donos dos meios de produção, acirra as desigualdades sociais.

Nessa lógica, ao mesmo tempo que gera limites às atividades em equipe interdisciplinar, a dimensão ético-política pode se transformar em potencialidade no processo de trabalho, uma vez que os profissionais da equipe obtêm maior engajamento nas atividades de trabalho, pois afina-se com as interações do conhecimento e técnicas de ação. O trabalho em equipe interdisciplinar pode contribuir para despertar os trabalhadores a se perceber não somente enquanto profissionais de uma equipe, mas enquanto sujeitos de uma coletividade maior, possuidora de conflitos de interesses.

Em conformidade com Raichelis (2009, p. 15), “é cada vez mais frequente e necessário o trabalho compartilhado com outros profissionais”, devido às limitações da especialidade e a crescente complexidade da realidade, que exige uma abordagem interdisciplinar.

Na sociedade capitalista, o trabalho em equipe interdisciplinar torna-se manifestação concreta das desigualdades sociais, já que existe historicamente uma excessiva divisão social e técnica do conhecimento e, em consequência, do

trabalho. Essa divisão acaba por alienar não somente os usuários dos serviços, mas também os próprios trabalhadores que legitimam a fragmentação do conhecimento por meio de seu status profissional e/ou social. Para Marques e Ramalho (2010, p. 73), “o trabalho exaustivo é outro mecanismo usado para que as pessoas deixem de pensar”.

Os profissionais de equipe interdisciplinar do setor público, necessitam enfrentar, além de tantas outras barreiras, precisam lidar com questões partidárias que barram usuários de serem atendidos em sua integralidade, bem como muitas vezes rompe com uma estratégia previamente organizada pelos profissionais dessa equipe, quando a troca de favores e o jogo de interesses, fala mais alto que direitos historicamente adquiridos. Este fato, tem muito a ver com o jogo político em sociedade, pois quando determinado partido encontra-se no poder, tais demandas são dadas como prioridades, no entanto quando há alternância no poder, não há garantia de que as mesmas demandas terão prioridades. Os trabalhadores do setor público nesse caso, têm de, além de articular diferentes conhecimentos, devem aprender a lidar com um conjunto de interesses político-partidários que tendem a criar demarcações aos processos de trabalho.

3.3.2 Setor Privado

Devido à complexidade da realidade que reivindica, necessariamente a relação entre diversos campos do saber para sua compreensão, assim como profissionais cada vez mais aptos a trabalhar de acordo com essas exigências, na possibilidade de alcançar melhores resultados frente a intensa fragmentação do conhecimento, o trabalho em equipe interdisciplinar tornou-se a melhor forma de concretização de um processo de trabalho pautado na reciprocidade entre os trabalhadores, de maneira a trocar conhecimentos na busca por uma melhor percepção da realidade.

Mas, de acordo com Macedo (2007, p. 34) “o trabalho multiprofissional é produtor de tensões e conflitos, relacionados ao poder e aos interesses em jogo, podendo também vir a produzir desgaste e alienação nos processos de trabalho”. Nesse sentido, Silva e Lima (2012, p.113) entendem, “a interdisciplinaridade como categoria determinada pela dinâmica da realidade social”, ou seja, ela não pode e

não deve ser pensada, nem realizada dissociada ao contexto social e político, uma vez que as pessoas que a pretendem realizar não estão alheias a esse contexto.

Diante do exposto, o trabalho em equipe interdisciplinar no setor privado carrega algumas limitações para a sua realização, a exemplo temos o imperativo por parte dos empregadores, de uma maior rentabilidade e produtividade de cada trabalhador, em razão de que esses profissionais devem gerar lucro para seus patrões, caso contrário não serão úteis a empresa. O ambiente privado funciona de acordo com números, isto é, para que seu trabalho seja valorizado, o trabalhador deve mostrar quantidade nos serviços prestados.

Em conformidade com Amaral e Cesar (2009, p. 2), existe uma “cultura do trabalho adequada aos requerimentos de produtividade, competitividade e maior lucratividade”. O que em consequência, rompe com a lógica do trabalho em equipe interdisciplinar, visto que o mesmo busca transpor os processos de trabalho especializados, por meio de ações conjuntas entre os membros da equipe, para que assim possam concretizar seus objetivos, de modo a atender às demandas de forma mais integral.

Aqui, os trabalhadores devem mostrar serviço em forma de números, ou melhor, quanto mais pessoas atendem, quanto maior a rotatividade dentro dos seus setores, de forma que tragam lucro a empresa, mais bem vistos serão. Os profissionais devem internalizar essa ideia a fim de que cumpram com os requisitos impostos pelas instituições privadas, para tanto muitos sentem-se parte indissociável dessas instituições, esquecendo que no momento em que não vierem a gerar mais lucro serão facilmente substituídos.

Essa lógica de trabalho aliena os profissionais, pois os mesmos devem trabalhar de modo a mostrar resultados, fazendo assim com que muitos não compreendam as relações em sua totalidade. Melhor dizendo, os trabalhadores são impulsionados a competir entre seus pares e até mesmo entre outras áreas profissionais. Isso é justamente o que os proprietários dos meios de produção desejam, de forma que não se reconheçam enquanto classe trabalhadora. Segundo Mueller, Bianchetti e Jantsch (2011, p. 202), “o que existiria de fato é uma ‘patologia do saber’ - que nos impede de vislumbrar a unificação do conhecimento, identificando especialistas como vítimas de uma miopia que os impossibilita de relacionar as várias disciplinas”.

A competitividade, na procura por realização pessoal, reconhecimento, destaque e até mesmo uma promoção, obstaculiza o trabalho em equipe interdisciplinar, em consequência da mesma colocar os profissionais uns contra os outros. De forma que eles não se reconhecem enquanto categoria profissional e o espaço de trabalho que seria de atuação conjunta na demanda por processos de trabalho mais ricos, torna-se um ambiente de disputa e desconfiança. Contraditoriamente, consoante a Mueller, Bianchetti e Jantsch (2011, p. 189), “Capacidade de trabalhar em equipe, abertura a trocas, sociabilidade, colaboração, comunicação permanente são, entre outras, características que se prescreve e se espera de quem pretende ingressar no chamado mercado de trabalho”.

Quando utilizada aqui, a interdisciplinaridade se dá apenas de maneira que possa servir aos interesses do capital, ou seja, o empregador utiliza-se da interação e cooperação dos profissionais a favor da empresa, com intenção de gerar mais lucro. “Relaciona-se com a necessidade de um novo trabalhador para fazer frente a um maior número de tarefas” (MUELLER; BIANCHETTI; JANTSCH, 2011, p.196), melhor dizendo, um trabalhador mais flexível e adequado às constantes transformações do capital. A interdisciplinaridade é fomentada não para que esses trabalhadores tenham uma visão mais aproximada da realidade e para que juntos alcancem novos rumos do conhecimento, mas sim para que respondam de acordo as necessidades impostas pelo capital.

Nessa lógica, a interdisciplinaridade perde seu real significado de cooperação, comunicação, interação e troca de saberes. Também perde a intenção de alcançar novos patamares do saber, com possibilidades de articulação e enriquecimento mútuo alimentando processos de trabalho que reduzem a interdisciplinaridade em um ingrediente meramente instrumental e operacional. As práticas variam de acordo com as necessidades do capital, de maneira que os trabalhadores não devem e podem ter senso-crítico com relação aos processos de trabalho. Dessa maneira, tem-se um esvaziamento do conceito de interdisciplinaridade, que já é considerada um conceito elástico pela sua ampla e indiscriminada utilização. (MUELLER; BIANCHETTI; JANTSCH, 2011).

Se, de um lado, tem-se o esvaziamento do conceito, de outro, tem-se uma noção mágica de interdisciplinaridade. Trata-se da conhecida crítica de sua utilização como panacéia, isto é, de cura dos males da especialização e do mundo do trabalho. Essa ideia de salvação encobre as amarras do capitalismo, que

obstaculizam o próprio desenvolvimento de profissionais críticos e reflexivos. Assim, o trabalho em equipe interdisciplinar é estimulado para a produtividade e a inovação no capitalismo reestruturado, mas interdito no que diz respeito à compreensão da realidade e do próprio trabalho em equipe interdisciplinar em consonância com a materialidade histórica e social.

3.3.3 Terceiro Setor

A expressão é uma tradução do inglês *Third Sector*, para o português brasileiro. O termo Terceiro Setor serve para designar associações privadas que não possuem fins lucrativos, ou seja, seriam nada mais que, a junção do Primeiro Setor (Estado) e o Segundo Setor (empresas privadas). Em outras palavras, mesmo não sendo do Estado visa benefícios coletivos, e mesmo que não visando o lucro como as empresas, é de natureza privada.

Inclina-se a atuar onde o Estado por si só não conseguiu efetivar suas ações, isto é, na assistência social, no meio-ambiente, entre outras áreas. No entanto, compreende-se que o terceiro setor não substitui o Estado em suas funções, ele é unicamente um complemento e um subsídio para as demandas advindas da sociedade. É composto por Organizações Sociais (OS), Organizações Não Governamentais (ONG's), Organizações da Sociedade Civil (OSC's), Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP's), entre outras.

O chamado "terceiro setor", na interpretação governamental, é tido como distinto do Estado (primeiro setor) e do mercado (segundo setor). O chamado "terceiro setor" é considerado como um setor "não governamental", "não lucrativo" e voltado ao desenvolvimento social, e daria origem a uma "esfera pública não estatal", constituída por "organizações da sociedade civil de interesse público". No marco legal do terceiro setor no Brasil são incluídas entidades de natureza as mais variadas, que estabelecem um termo de parceria entre entidades de fins públicos de origem diversa (estatal e social) e de natureza distinta (pública ou privada). Engloba, sob o mesmo título, as tradicionais instituições filantrópicas; o voluntariado e organizações não governamentais: desde aquelas combativas que emergiram no campo dos movimentos sociais, àquelas com filiações político-ideológicas as mais distintas, além da denominada "filantropia empresarial". (IAMAMOTO, 2009, p. 30).

Diante disso, pensar o trabalho em equipe interdisciplinar dentro das instituições do terceiro setor revelam outras nuances diferentes daquelas dos setores privado e estatal. Uma vez que, os profissionais dessas organizações têm que assumir novas funções, pois nesses espaços os trabalhadores caminham entre

o público e o privado ao mesmo tempo, na medida em que tratam-se de organizações privadas com interesses públicos. Consequentemente, exigindo que tais profissionais estejam adequados às mudanças colocadas pela sociedade de classes.

A inserção nesses setores solicita dos trabalhadores novas habilidades, que acabam por influenciar nos processos de trabalho em equipe interdisciplinar. Os trabalhadores devem criar estratégias para melhor conduzir o trabalho dentro das entidades, pois nesses espaços a caridade e a garantia de direitos andam juntas, fazendo com que em determinados momentos, exista confusão entre ambas. É necessário que entre a equipe de trabalho haja comunicação para que juntos, esses profissionais possam romper com trabalhos parcelares, bem como criar estratégias de enfrentamento às limitações colocadas diariamente.

Nesse aspecto, a interdisciplinaridade tende a contribuir para o compartilhamento de conhecimentos de maneira horizontal na equipe, mesmo que mantendo as áreas de conhecimento, possa assim conquistar novas habilidades, tentando melhorar os processos de trabalho. Colaborando Silva e Mendes (2013, p. 55) trazem que, “a interdisciplinaridade pressupõe que cada uma das áreas exerça seu potencial de contribuição preservando a integridade de seus métodos e conceitos e, nesse sentido, requer o respeito à autonomia e à criatividade de cada uma das profissões envolvidas”.

Assim, a exigência de novas habilidades pode tornar-se de obstáculo ao trabalho em equipe interdisciplinar em possibilidade, em razão de demandar que os profissionais estejam em constante qualificação profissional, tal como tenham uma melhor compreensão da realidade em que estão colocados. Para tanto, esses trabalhadores terão de articular conhecimentos primeiramente em nível particular e posteriormente em um nível coletivo, a fim de melhorar os processos de trabalho.

Outra questão muito importante que acaba se tornando uma limitação ao trabalho em equipe interdisciplinar, é a insegurança do vínculo empregatício do terceiro setor, comparado as instituições estatais e privadas. De acordo com Serra (2000, p. 182 apud ALENCAR, 2009, p. 12) a introdução de trabalhadores no Terceiro Setor caracteriza-se pela “precariedade das inserções empregatícias, predominando a flexibilização das relações contratuais, marcada pela rotatividade de emprego, multiplicidade dos vínculos de trabalho e níveis salariais reduzidos, jornada de trabalho de tempo parcial”.

As condições, a forma e as relações de trabalho se dão de maneira diferente aos demais espaços sócio-ocupacionais, uma vez que no terceiro setor os profissionais não possuem estabilidade em seu campo de atuação. O que muitas vezes acaba por gerar insegurança e incertezas nos trabalhadores, que por sua vez, não conseguem ter um mínimo de autonomia sobre os processos de trabalho, sem ao menos dialogar com a gestão das mesmas. Isto acaba por limitar as ações profissionais de maneira singular, bem como no trabalho em equipe interdisciplinar.

Devido a insegurança do vínculo de trabalho nas organizações do terceiro setor, além dos trabalhadores realizarem o seu trabalho, muitas vezes realizam trabalhos que não são de sua alçada, deixando de fazer o seu próprio trabalho, por receio de se posicionar frente a tais situações e acarretar na perda do emprego. O que ocasiona um acúmulo de atividades que esses trabalhadores estarão realizando. A sobrecarga gerada por esse acúmulo tende a afetar o desempenho profissional desses trabalhadores em termos de quantidade e qualidade.

Nas instituições do terceiro setor os trabalhadores precisam estar preparados para lidar muitas vezes com a escassez de recursos humanos e/ou financeiros, pois em sua grande maioria, essas organizações possuem renda proveniente de doações. Dessa maneira, os trabalhadores devem ser capazes de lidar com essas situações de modo a atender aos objetivos dessas instituições, buscando fazer com que a incerteza de recursos não interfira nos processos de trabalho e no seu posto de trabalho dentro das organizações.

Fica claro que as relações de trabalho, sejam elas de modo particular ou coletivo estão intimamente ligadas aos processos sociais e históricos. Pretender o trabalho em equipe interdisciplinar sem cogitar as refrações sociais e históricas é depositar na interdisciplinaridade uma responsabilidade que ela sozinha não poderia dar conta, pois assim como seus agentes, também encontra-se inserida em uma sociedade de interesses distintos. Diante disso, Mueller, Bianchetti e Jantsch (2011, p. 192) declara que, “a não compreensão dessa apropriação e dessa redução histórica e epistemológica do conceito de interdisciplinaridade sob o capital leva facilmente a que se assuma a interdisciplinaridade na acepção voluntarista”.

4 ESPAÇO OCUPACIONAL, O SERVIÇO SOCIAL E QUESTÃO SOCIAL NA ASSOCIAÇÃO DE APOIO A PESSOAS COM CÂNCER - AAPECAN:

Visualizar o espaço sócio-ocupacional do qual surgiu a necessidade de se pensar novas formas de trabalho, capazes de romper com processos de trabalhos parcelares é necessário. Por isso, este capítulo objetivou trazer um pouco da realidade da Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPECAN), onde fora realizado o processo de estágio obrigatório em serviço social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Espaço em que se foi capaz de observar processos de trabalho limitados por falta de comunicação e integração dos profissionais, bem como por relações sociais, que interferiam na dinâmica dos serviços.

Na instituição, durante o período de estágio foi possível perceber a extrema dificuldade de se manter um processo de trabalho coeso, de integração mútua e de respeito aos diferentes ramos do saber, que interferia diretamente nas atividades diárias dos profissionais. Tornava-se indispensável pensar novas maneiras de trabalho, capazes de transcender os trabalhos individualizados, marcados pelas limitações e entraves, impostos pela dinâmica da sociedade de classes, que prejudicavam não somente os profissionais, mas também os usuários dos serviços oferecidos pela AAPECAN.

Nesse sentido, abordou-se o surgimento da instituição, ano de implantação na cidade, os serviços prestados, o público que atende, a origem de seus recursos financeiros, entre outros. Entendeu-se necessário trazer o surgimento do serviço social na instituição, a atuação das profissionais assistentes sociais dentro da mesma, versando um pouco do trabalho que desenvolvem na organização.

O projeto de intervenção realizado na instituição, teve como objetivo o fortalecimento de vínculos de usuários e familiares, acometidos pelo câncer. No entanto, devido a rotina de quimioterapia de alguns usuários da casa de apoio, o projeto aconteceu em conjunto com outra área do conhecimento. O que colaborou para a elaboração deste trabalho, uma vez que foram realizadas dinâmicas de grupo utilizando-se de um grupo existente coordenado pela área da psicologia, que cooperou na troca de conhecimentos em nível teórico e prático.

4.1. ESPAÇO SÓCIO-OCUPACIONAL E SERVIÇO SOCIAL NA AAPECAN

A Associação de Apoio a Pessoas com Câncer é uma entidade civil, de direito privado, sem fins lucrativos – Organização da Sociedade Civil (OSC), - que atua há 12 anos no apoio e assistência gratuita a pessoas portadoras de câncer e está presente em 14 cidades do Rio Grande do Sul. Com sua matriz em Porto Alegre, possui outras unidades instaladas e localizadas em: Caxias do Sul, Lagoa Vermelha, Pelotas, Camaquã, Bento Gonçalves, Farroupilha, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Lajeado, Rio Grande, Bagé, Uruguaiana e Ijuí.

Em Santa Maria teve sua unidade instalada em 26 de junho de 2006 e somente em julho de 2012, foi implantada a Casa de Apoio, com hospedagem para pacientes em situação de vulnerabilidade social, que realizam tratamento oncológico em Santa Maria e não possuem local para ficar. O ambiente é acolhedor, tornando-se um segundo lar para os usuários atendidos pela AAPECAN que oferece além de hospedagem, quatro refeições diárias aos usuários e acompanhantes. Este serviço é oferecido pelo tempo que se fizer necessário, de acordo com a necessidade de cada usuário.

A instituição tem por objetivo prestar assistência social às pessoas portadoras dos mais diversos tipos de câncer e aos seus familiares, que se encontram num processo de vulnerabilidade, suprimindo as suas necessidades básicas e buscando o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, através da realização de ações assistenciais, de forma gratuita, continuada e planejada, para os usuários em situação de vulnerabilidade social. Além disso, a AAPECAN por objetivo:

- a) Oferecer proteção e atendimento integral aos usuários e o fortalecimento de vínculos familiares;
- b) Integrar os mesmos e seus familiares na sociedade;
- c) Prestar serviços de defesa e garantia de direitos aos usuários e familiares;
- d) Fornecer proteção e amparo às crianças, adolescentes, adultos e idosos portadores de câncer em situação de vulnerabilidade social;
- e) Prestar atendimento, assessoramento, em defesa de direitos.

A OSC oferece benefícios assistenciais na área da assistência e da saúde, realiza ações que visam o atendimento e o assessoramento, bem como a defesa e garantia dos direitos de seus usuários e familiares.

Além disso, a instituição tem como um de seus objetivos realizar ações e serviços de promoção à saúde, voltadas para a produção de vínculos e acolhimento, tendo em vista a ação orientadora, com a perspectiva de continuidade da vida, para

além do discurso da doença. Contribuindo, Buss (2003, p. 33) traz que, “para a promoção da saúde, o objetivo contínuo é um nível ótimo de vida e de saúde”, ou seja, buscam-se condições de vida mais dignas, no que diz respeito à saúde.

Atua também na redução de riscos à saúde, desenvolvidas na área de prevenção do câncer, prevenção do tabagismo, nutrição e alimentação saudável, prática corporal ou atividade física. De acordo com Buss (2003), evitar o adoecimento da população é o ponto chave das técnicas preventivas.

A prevenção, diferente da promoção, orienta-se mais às ações de detecção, controle e enfraquecimento dos fatores de risco ou fatores causais de grupos de enfermidades ou de uma enfermidade específica; seu foco é a doença e os mecanismos para atacá-la mediante o impacto sobre os fatores mais íntimos que a geram ou precipitam. (BUSS, 2003, p. 33).

A instituição atende usuários em tratamento oncológico que se encontram em situação de vulnerabilidade social, em sua grande maioria encaminhados pelos profissionais de serviço social do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) e alguns do Hospital de Caridade Astrogildo Azevedo (HCAA). São usuários que não conseguem acessar as políticas de saúde e assistência social, necessitando ter acesso a Casa de Apoio e às medicações e dietas alimentares que a AAPECAN disponibiliza, via receita médica e de acordo com um recorte salarial de até três salários mínimos.

A AAPECAN Trabalha em conjunto com a comunidade para a captação de recursos financeiros, oriundos de doações junto à mesma e obtida através de um serviço de telemarketing que socializa doações. Também conta com parceiros, empresas e lojas em suas diversas áreas, que vêm à AAPECAN como um suporte social. A instituição disponibiliza de atividades para os usuários e familiares como:

- a) **Reike**: Que consiste em canalizar energias através de pontos superiores cognitivos, irradiado pelas mãos até o receptor por meio da imposição das mãos sob a forma de duas conchas, restaurando o equilíbrio natural entre corpo e mente;
- b) **Oficina de Artesanato**: Aulas ministradas por voluntários da comunidade, que realizam atividades de crochê, pintura e colagem;
- c) **Oficina de Inclusão Produtiva**: Por meio do Projeto Relona do Grupo Incorpore UFSM, em conjunto com a AAPECAN são desenvolvidas ações coletivas para o meio ambiente, com o objetivo de dar um destino sustentável às lonas de banners, através da produção de sacolas produtivas e estojos.

O histórico do Serviço Social na Associação de Apoio a Pessoas com Câncer não está documentado nos arquivos da instituição, sejam eles impressos ou virtuais, por isso foi necessário conversar com o assistente social da AAPECAN, o qual supervisionou o estagiário durante o estágio I em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria, para ter acesso a tais informações.

O serviço social, juntamente a seus profissionais estão presentes na instituição desde sua origem, tendo passado pela mesma, dez profissionais até o presente momento. Atualmente trabalham na instituição duas profissionais assistentes sociais, uma possuindo carga horária de 20 horas semanais e a outra com 40 horas semanais.

O trabalho realizado por ambas vai desde acolhimento institucional, através da escuta e olhar sensível, à distribuição de dietas alimentares e medicações, com vistas a garantir o direito ao acesso dos usuários. Realizam visitas domiciliares com o intuito de monitoramento sócio assistencial, como também, distribuem cestas básicas para os usuários que não possuem renda salarial ou que estejam com a mesma comprometida, dessa forma não podendo suprir suas necessidades imediatas.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas, o assistente social tem a função de elaborar um relatório das atividades realizadas ano a ano, a fim de garantir o controle e melhoria na qualidade do trabalho da instituição, como também um plano de ações institucional para cada ano que segue, com a finalidade de planejar as ações do ano seguinte.

Faz parte do trabalho do assistente social, a elaboração de uma campanha para angariar fundos, com a finalidade de custear a compra de suplementos, dietas alimentares e para cobrir os gastos daqueles que se encontram hospedados na casa de apoio. Nessa campanha consta o número do prontuário do usuário, sexo, idade e o quanto ele demanda, em valores, para a instituição, seja em hospedagem ou medicamentos e dietas alimentares. É através dessas campanhas que as operadoras de telemarketing desenvolvem sua função dentro da OSC.

Durante o acolhimento as profissionais assistentes sociais utilizam da entrevista social, como instrumento para compreensão da realidade social dos usuários, levando em consideração facilitar o acesso aos direitos sociais, à criação de vínculos, o compromisso que se estabelece a partir desse instrumental,

lembrando sempre que como profissionais não devemos de maneira nenhuma especular a vida dos sujeitos envolvidos nesse processo.

O assistente social como profissional inserido na divisão social e técnica do trabalho, que atua nas relações sociais de classe e que objetiva uma nova ordem societária capaz de promover igualdade e equidade, trabalha através das políticas públicas na garantia e acesso de direitos constitucionais.

Os profissionais assistentes sociais da AAPECAN têm como políticas de atuação e de fundamentação do seu trabalho dentro da OSC, as políticas de assistência social e saúde, tendo em vista a proteção social aos indivíduos em situação de risco e/ou vulnerabilidade social e o direito à saúde garantido constitucionalmente e legitimado pelo Estado, que teoricamente deveria prover condições de acesso à mesma.

Art. 196. A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (BRASIL, 1988).

Percebe-se a importância do trabalho do profissional assistente social dentro da instituição, o empenho e esforços de ambas, para levar de maneira clara e sucinta as informações que se fazem necessárias, como também para trazer resolutividade às demandas advindas da questão social.

Questão social compreendida por meio da contradição, onde à produção dos bens materiais é coletivizado e apropriação dos frutos do trabalho pela sociedade capitalista é cada vez mais privatizada e, por consequência, sem a devida proteção do Estado. Na sua face dominada pela burguesia, o Estado torna-se campo propício para que se mantenha, assim como se agravem as desigualdades sociais, que são expressas na vida dos trabalhadores através da falta de saúde, assistência social, aumento da violência, aumento na taxa de desemprego, falta de moradia, analfabetismo e aumento do número de trabalhadores informais.

São as consequências da contradição entre capital e trabalho, e que se reflete na vida cotidiana dos usuários da AAPECAN, que ao se deparar com a doença, e totalmente desassistidos, encontram na instituição um apoio para esse momento de fragilidade que a doença provoca em suas vidas, bem como uma maneira de acessar seus direitos.

Não deixando de lembrar que é dever do assistente social dentro da instituição e em qualquer outro espaço que venha a desenvolver seu trabalho enquanto profissional, orientar os usuários acerca de seus direitos, onde podem acessá-los e fazer o contato com a rede de serviços.

4.2. APREENSÃO DA QUESTÃO SOCIAL NO ESPAÇO INSTITUCIONAL

O serviço social como profissão é uma especialização do trabalho na sociedade, inscrita na divisão social e técnica do trabalho (Iamamoto, 1992). Refletir sobre a profissão, e o fazer profissional é um ato importante, complexo e gratificante. Ao fazer esse exercício fica claro a importância da profissão nas relações sociais, com o Estado, sociedade e usuários. Passar por esse processo necessita um resgate histórico da profissão, visto que se encontra inserida, participante e construtora da história, nas relações sociais e de classe.

A profissionalização do Serviço Social pressupõe uma leitura crítica e clara da realidade, com vistas a intervir de maneira coerente, trazendo resolutividade às demandas advindas da questão social. Toma-se como ponto de partida o entendimento da questão social como produto da relação entre capital e trabalho, e tudo que dela resoluto. Os profissionais assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais diferenciadas expressões quotidianas, tais como os indivíduos as sentem no âmbito do trabalho, da família, da educação, da área habitacional, da saúde, da assistência social pública, etc.

Nesse sentido Iamamoto (2009), concebe que a “questão social” sendo desigualdade é, também, rebeldia, pois os sujeitos sociais, ao vivenciarem as desigualdades, a elas também resistem e expressam seu inconformismo. Esses profissionais estão, nas palavras de Iamamoto (2009, p. 16): “situados nesse terreno movido por interesses sociais distintos, os quais não é possível abstrair – ou deles fugir –, pois tecem a trama da vida em sociedade”.

O processo de produção e reprodução das relações sociais é o momento pelo qual se dá a criação de necessidades, de novas forças produtivas sociais do trabalho, das visões de homem e de mundo, em cujo processo se aprofunda desigualdades e criam-se novas relações sociais entre os homens na luta pelo poder e pela hegemonia entre diferentes classes e grupos na sociedade.

Dessa maneira, conforme Iamamoto (2009), o desempenho da profissão demanda, um profissional que tenha a capacidade de propor, para negociar com a instituição as suas propostas e, conseqüentemente, para defender o seu campo de trabalho, suas qualificações e atribuições profissionais. “Requer ir além das rotinas institucionais para buscar apreender, no movimento da realidade, as tendências e possibilidades, ali presentes, passíveis de serem apropriadas pelo profissional, desenvolvidas e transformadas em projetos de trabalho” (IAMAMOTO, 2009, p. 12).

O profissional trabalha com as mais diversas expressões da questão social, sendo elas cotidianas, manifestadas e vivenciadas pelos usuários, que demandam dos serviços aos quais a instituição oferece. Mais uma vez, vale recuperar o conceito de questão social que é tomada como o “conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista [...], onde a produção social é cada vez mais social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade” (IAMAMOTO, 2010, p. 27).

No capitalismo, quanto mais se desenvolvem as forças produtivas, maior acumulação ampliada de capital e maior a pobreza (absoluta ou relativa) (cf. Marx, 1980, I, p. 712 e ss.). Quanto mais riqueza produz o trabalhador, maior é a exploração, mais riqueza é expropriada (do trabalhador) e apropriada (pelo capital). Assim, não é a escassez que gera a pobreza, mas a abundância (concentrada a riqueza em poucas mãos) que gera desigualdade e pauperização absoluta e relativa. (MONTAÑO, 2012, p.10).

Nesse contexto, a questão social se apresenta como o conjunto de desigualdades políticas, econômicas, sociais e culturais, que repercute diretamente na vida dos indivíduos inseridos no modo de produção capitalista. Os rebatimentos desse fenômeno na vida objetiva dos sujeitos são denominados expressões da questão social e se revelam na sociedade capitalista atual através de questões como desemprego estrutural, trabalho escravo, precariedade do trabalho, fome, analfabetismo, miséria, entre outros.

Dessa forma, as expressões da questão social impactam diretamente o quadro de saúde da população. Cabe lembrar que, frente a um processo de adoecimento que necessita tratamento continuado, os sujeitos ficam ainda mais fragilizados a essas conseqüências. Sendo assim, a principal manifestação da questão social presente na AAPECAN não é a doença propriamente dita, mas tudo o que dela rebate nos usuários e seus familiares, ou seja, tanto em âmbito econômico como em âmbito emocional, de modo que, esse momento da vida venha a se tornar mais doloroso e sofrido. Tal processo, afeta também o plano espiritual, moral e

político desses sujeitos, gerando uma carência de possibilidades e de esperança para estes.

Ficando nítida a restrição de seus direitos, no momento em que esses usuários se encontram adoecidos e se deparam com dificuldades para acessar as políticas sociais. Na ausência de proteção social por parte do Estado, recorrem a AAPECAN para terem acesso aos seus direitos, através dos serviços da instituição e dessa maneira conseguem amenizar as dificuldades que encontram para o tratamento do câncer.

Todavia, os usuários dos serviços da AAPECAN, não apenas vivenciam as manifestações da questão social, como também se opõem a elas. É possível verificar no cotidiano profissional do assistente social as variadas estratégias de sobrevivências criadas pelos usuários e seus familiares, mais especificamente nas visitas domiciliares, onde se pode visualizar que eles constroem redes de informações e de cooperação mútua, para o enfrentamento dessas questões. Outra maneira de confrontar essa realidade e suas contradições é por meio da rebeldia que ocorre na busca desses sujeitos pelos seus direitos, através da cobrança nos serviços públicos.

4.3. PROJETO DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DE DINÂMICAS DE GRUPO

Viver e/ou conviver diariamente com a realidade que o câncer ocasiona na vida do sujeito e conseqüentemente da família, não é nada fácil. Ainda mais, se essa doença vier seguida de falta de condições de acesso a bens e serviços ao qual a pessoa em tratamento oncológico vier a demandar. Pensar estratégias de enfrentamento e resolutividade, às demandas advindas dessas e de outras realidades é dever do profissional assistente social, que deve buscar de maneira crítica, lúcida e esclarecida da realidade, possibilidades para aquele usuário e seus familiares.

A percepção do profissional acerca das demandas singulares desses usuários também contribui para o reconhecimento das dificuldades e para a mobilização de meios para que haja o enfrentamento e adaptações necessárias.

O impacto causado pela doença para com o usuário e conseqüentemente aos seus familiares deve ser percebido considerando as questões emocionais,

socioeconômicas e culturais dos mesmos, pois o câncer emerge nesse contexto e é também por meio dessa estrutura que se dão as reações frente ao adoecer.

A partir disso, e tendo como base a análise da realidade institucional realizada pelo acadêmico em seu estágio I, percebeu-se a necessidade de uma intervenção com os usuários da instituição, de modo a considerar não somente o usuário como foco da ação, mas também a família, especialmente o acompanhante do usuário no tratamento oncológico. A proposta tinha como intenção ampliar o processo de acolhimento, através do fortalecimento dos vínculos entre usuários, familiares e instituição.

Dessa maneira, tal projeto se dispôs a proporcionar um suporte técnico-profissional, bem como afetivo/emocional para os usuários da AAPECAN e seus familiares, através de dinâmicas grupais, de maneira que viessem a superar o momento de fragilidade ao qual estivessem vivenciando. Uma vez que, esse suporte consistiu em uma abordagem de cunho coletivo, entre a subjetividade de cada participante e as demandas advindas do grupo.

Optou-se por dinâmicas grupais, pois se trata de um instrumento através do qual foi permitida uma relação aberta e espontânea entre os membros do grupo, possibilitando a exposição de opiniões, a comunicação e a troca de experiências de vida, conduzindo ao desenvolvimento das capacidades dos indivíduos participantes do grupo operativo desenvolvido na AAPECAN.

Segundo Almeida (1973) a dinâmica de grupos, acima de tudo, funciona como um processo de democratização: leva os indivíduos a participarem e terem responsabilidades e a desenvolverem o espírito de iniciativa. É também um veículo de socialização à medida que proporciona a convivência. Contribui para a formação e, sobretudo, para expressão de ideias lógicas, objetivas e coerentes. (ALMEIDA 1973 apud, ALBERTO et al., [20--?], p.0).

O projeto de intervenção teve como objetivo geral: Promover dinâmicas de grupo com familiares e usuários visando ampliar o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, dando suporte afetivo/emocional, tendo em vista melhorar as condições de vida e bem estar dos usuários e seus familiares. E teve como objetivos específicos:

- a) Fortalecer os vínculos familiares e comunitários;
- b) Contribuir para lidar com problemas advindos do câncer;
- c) Dar suporte psicossocial;
- d) Identificar necessidades e demandas;

- e) Prover a garantia dos direitos sociais;
- f) Ampliar o acolhimento;
- g) Promover a autonomia dos sujeitos envolvidos;
- h) Trabalhar a comunicação com vistas à inclusão social;
- i) Estreitar os laços entre familiares e usuários com a instituição;
- j) Fazer a mediação entre usuários e familiares, buscando trazer a tona potencialidades a partir de cada história/vivência.

A execução do projeto de intervenção se deu no decorrer do estágio curricular obrigatório II em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em síntese, o projeto teve como objetivo ampliar o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, através de dinâmicas grupais com usuários e familiares da Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPECAN), bem como por meio dos significados que os indivíduos atribuem às suas histórias de vida, os fatos, os fenômenos, experiências e sentimentos que influenciam o viver do indivíduo nesse momento.

Todavia, no decorrer do estágio curricular obrigatório II em Serviço Social, verificou-se a possibilidade de uma abordagem compartilhada entre estagiário do serviço social e a área da psicologia, tendo em vista este fator, o estagiário decidiu realizar as dinâmicas grupais utilizando-se de um grupo já existente dentro da instituição, composto por usuárias e uma voluntária da AAPECAN, coordenado pela psicóloga.

O projeto nomeado “Amarrando vidas e unindo forças: a importância do fortalecimento dos vínculos familiares no combate ao câncer” foi organizado através de três dinâmicas diferentes, sendo realizada uma dinâmica a cada encontro, que deveria ser realizado uma vez por semana na sede da instituição.

4.3.1. 1º Dinâmica: “teia da vida”

A primeira dinâmica foi realizada no dia 24 de abril de 2018 e contou com a presença de doze mulheres, dentre elas onze usuárias e uma voluntária da instituição, a mesma ocorreu das 14h30 minutos às 16h00 minutos. Para concretizar a dinâmica foi necessário um novelo de linha que era lançado de uma participante para outra, à medida que cada uma contava a sua história, no que diz respeito ao momento de descoberta da doença, de como foi para a usuária e família, de como

cada uma entendem esse período da vida, a maneira como lidam e se organizam diante desse momento, bem como o que a instituição representa para elas.

As participantes deviam manter o fio da linha entre os dedos, para que formasse uma teia/rede, tendo como objetivo ampliar o processo de acolhimento, na medida em que socializavam vivências, aumentavam o sentimento de união e traziam à tona a multiplicidade de opiniões acerca da vivência do câncer, enfatizando que não se encontram sozinhas.

As usuárias foram extremamente participantes e colaboraram muito para o andamento do projeto. Sempre bem-humoradas e dispostas, deixavam bem claro que adoravam participar do grupo, que segundo elas “é sua segunda família”. Durante a dinâmica muitas delas se emocionaram ao contar suas histórias para o grupo, pois, relatar suas histórias de vida foi como que revivê-las. Compartilharam suas experiências, como ultrapassaram esse momento de suas vidas e trouxeram a AAPECAN, em especial o grupo, como de extrema importância para a superação dessa etapa de suas vidas.

O momento da descoberta do câncer para elas foi muito difícil, pois lidar com a doença não é nada fácil, já que os significados atribuídos a ela continuam sendo aqueles do tempo em que a cura era mais rara, ou seja, o câncer é diretamente associado à questão de morte e luto (KUBLER-ROSS, 1989).

Após o término da dinâmica foi realizado uma reflexão acerca do que foi trazido, onde o estagiário juntamente com a psicóloga e as integrantes do grupo puderam refletir e trazer colaborações para o grupo. Segundo Mito (2009, p. 12) “a formação de grupos é altamente recomendável porque permite, por meio da reunião de diferentes sujeitos, a realização do processo educativo de forma coletiva”.

4.3.2. 2º Dinâmica: “pizza”

A segunda dinâmica foi realizada no dia 08 de maio de 2018, devido ao feriado que ocorreu na semana anterior. A dinâmica contou com a presença de nove usuárias da AAPECAN e aconteceu das 14h30 minutos às 16h00 minutos.

Nessa dinâmica foram necessárias folhas A4 e lápis ou canetas. Durante a distribuição do material foram expostas diversas temáticas a serem escolhidas pelas participantes, sendo que cada integrante foi motivada para que definisse qual a importância das diferentes temáticas para si mesma. Dentre as temáticas propostas

estavam: família, saúde, direitos, informação, comunicação, cultura, lazer, entretenimento, leitura, educação e amizade. Os temas foram selecionados conforme a preferência de cada participante, em seguida, cada integrante teve que adicionar as temáticas a um círculo e dividi-lo de acordo com a proporção de importância que dava para cada temática.

As divisões eram identificadas conforme uma “pizza”. Temas sem nenhuma importância para as integrantes poderiam ser simplesmente desconsiderados pelas mesmas.

Posteriormente, cada participante apresentou seu desenho ao grupo comentando suas opções, bem como foram sendo feitas colocações pelo estagiário e pela psicóloga, a fim de colaborar com o que foi trazido, bem como, buscando fomentar o processo de reflexão. Após cada uma apresentar suas escolhas, o grupo pôde trocar ideias sobre a importância e o significado de cada temática. Das temáticas que mais se repetiram entre as usuárias foram:

- a) 1º Saúde, Família e Amizade que se repetiram sete vezes;
- b) 2º Lazer e Direitos que se repetiram seis vezes;
- c) 3º Comunicação, cultura e entretenimento que se repetiram cinco vezes;
- d) 4º Informação que se repetiu quatro vezes;
- e) 5º Leitura que se repetiu duas vezes;
- f) 6º Educação que foi desconsiderada.

Tal dinâmica foi extremamente importante para as usuárias, na medida em que cada uma pôde questionar-se à respeito da importância das temáticas para si, assim como, puderam praticar a escrita, defender suas ideias diante das demais integrantes do grupo, e ainda exercitar a fala/comunicação.

Em conformidade com Souza (2008), as linguagens são produtos de processos de socialização diferentes, o que está intrinsecamente ligado ao contexto familiar e social de cada usuário, como também a maneira como cada um vê e interpreta esse contexto. As linguagens indicam modos de ser e de viver de cada sujeito, sua classe e grupos sociais diversos entre si, proporcionando a criação da identidade dos grupos sociais. Assim, “uma palavra só tem significado se compreendida no contexto social e político no qual ela é utilizada” (SOUZA, 2008, p. 125). Ou seja, os homens dão significado às categorias que existem na realidade por meio da fala e/ou palavras.

“O Serviço Social, como uma das formas institucionalizadas de atuação nas relações entre os homens no cotidiano da vida social, tem como recurso básico de trabalho a linguagem” (IAMAMOTO, 1992, p. 101).

4.3.3. 3º Dinâmica: “encontrando significados”

A terceira e última dinâmica de intervenção aconteceu no dia 15 de maio de 2018, contou com a presença de dez usuárias da instituição e ocorreu das 14h30 minutos às 16h00 minutos.

O estagiário levou um saco com letras do alfabeto e propôs temáticas, que estivessem articuladas com fortalecimento de vínculos. As temáticas abordadas foram: família, convivência, cuidado, apoio, afeto e superação.

Cada participante teve que tirar uma letra da caixa, tendo que falar uma ou mais palavras com aquela letra, relacionada a alguma dessas temáticas. Após cada integrante do grupo realizar a atividade, foi feita uma reflexão acerca das palavras trazidas. Durante a dinâmica as usuárias trouxeram palavras como: afeto, bondade, carinho, dedicação, esperança, felicidade, gratidão, harmonia, inspiração, justiça, liberdade, amor, convivência, orgulho, paixão, recordação, sentimentos, ternura, união, vitória e zelo.

Ao finalizar a dinâmica, foi elaborado um cartaz com as palavras trazidas para que fosse colocado na sala onde acontecem os encontros do grupo, servindo de motivação, bem como, divulgando a atividade realizada.

A intervenção profissional com grupos encontra-se articulada com a dimensão pedagógica do trabalho do assistente social, bem como com os aportes técnico-operativos do Serviço Social. Por isso, conforme Miotto (2009), as ações socioeducativas realizadas pelos profissionais estão colocadas sobre dois pilares. O primeiro é relacionado à socialização de informações, de maneira geral é o direito do usuário a ter acesso e usufruir de todas as informações e conhecimentos socialmente produzidos de modo claro e que consigam ser compreendidos, para que possam ser utilizados em sua vida cotidiana. O segundo é referente ao processo reflexivo que se estabelece durante a relação entre profissionais e usuários, a fim de que através do diálogo e da problematização os usuários desenvolvam sua concepção de mundo, de forma consciente e crítica. Assim, ainda na perspectiva da autora:

O estabelecimento de vínculos e a conformação de uma relação democrática entre profissionais e usuários são fundamentais para que o processo educativo alcance seus objetivos. Ou seja, espera-se que por meio do processo educativo, o usuário – com informação e reflexão – ganhe mais autonomia para circular no espaço social, tomar decisões sobre as formas de conduzir sua vida, avançar na consciência de sua cidadania e ter participação em diferentes instâncias da esfera pública, especialmente nas de controle social. (MIOTO, 2009, p.8).

Essas dinâmicas foram extremamente importantes para a realização do projeto, na medida em que através delas, o estagiário buscou atingir os objetivos traçados, bem como, pôde ter subsídios para analisar o trabalho em equipe a partir da experiência de execução do projeto de intervenção. Mas, para além disso, a experiência contribuiu para um processo de mediação entre os sujeitos envolvidos, de modo que trocaram conhecimentos e somaram forças. Ademais, a execução do projeto colaborou para uma investida em um trabalho em conjunto entre diferentes áreas do conhecimento.

Nesse aspecto, o processo de estágio, bem como o projeto de intervenção contribuíram para a construção e realização deste trabalho, pois a partir deles pôde-se perceber as dificuldades vivenciadas diariamente pelos profissionais da AAPECAN, quando tentava-se realizar o trabalho de maneira conjunta e dialogada. Durante essa experiência foi possível, questionar os métodos de trabalho parciais que se desenvolviam na instituição, bem como tentar vislumbrar possibilidades de trabalho em conjunto, na tentativa de melhorar a qualidade dos serviços prestados, da mesma maneira que a relação entre os profissionais.

No decorrer das dinâmicas foi permitido perceber abertura da área psicologia para um trabalho em conjunto, de modo a trocar conhecimentos e experiências, para um melhor processo de trabalho, capaz de fortalecer os vínculos dos usuários, bem como dos próprios trabalhadores da instituição. As dinâmicas foram proveitosas para as usuárias da instituição, mas sobretudo conseguiu-se mesmo que em um curto espaço de tempo e de maneira simples viabilizar um espaço de atuação conjunta entre diferentes áreas profissionais. No entanto, lamamoto (2009, p. 9) traz o seguinte:

A reprodução das relações sociais na sociedade capitalista, a partir da teoria social crítica, é entendida como reprodução da totalidade concreta desta sociedade, em seu movimento e em suas contradições. É reprodução de um modo de vida que envolve o cotidiano da vida social: um modo de viver e de trabalhar socialmente determinado.

Assim, este momento foi muito profícuo para abertura, para a troca e o diálogo, contudo acredita-se que para romper com as barreiras existentes nos processos de trabalho da AAPECAN, há que se levar em conta os rebatimentos histórico e sociais que limitam o trabalho em conjunto, os limites dos sujeitos envolvidos, o espaço sócio-ocupacional e se existe abertura de todos os profissionais para um trabalho pensado e realizado coletivamente, entendendo os processos de trabalho para além da própria especialidade, mas como parte de um todo. Pois o trabalho em equipe interdisciplinar, em conformidade com Lamamoto (2009, p. 9), “envolve sujeitos e suas lutas sociais, as relações de poder e os antagonismos de classes”. Assim, o que um profissional realiza tem rebatimentos diretamente no outro, seja de maneira positiva ou negativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da experiência de estágio, onde se observou entraves nos trabalhos em conjunto. A partir daí emergiram questionamentos à respeito dos processos de trabalho segmentados e, conseqüentemente, surgiu a necessidade de se refletir sobre as limitações para o trabalho em parceria.

Percebeu-se o trabalho em equipe num horizonte interdisciplinar como a melhor forma de enfrentamento da especialização e da fragmentação do conhecimento. Pois, a interdisciplinaridade implica cooperação, reciprocidade e troca. Tudo isso, tanto à nível de saber como de prática, nas palavras de Furtado (2007, apud SILVA; MENDES, 2013, p. 55) “a interdisciplinaridade está assentada na insuficiência dos diversos campos disciplinares e constitui uma importante ferramenta, à medida que oportunize a relação de mediações entre saberes e competências”.

Nesse aspecto, abrem-se brechas para novas conexões a partir da quebra de fronteiras que são impostas pelas disciplinas. Vale trazer aqui que é necessário tanto no ambiente de trabalho quanto no acadêmico uma postura aberta, pois nenhuma ciência é capaz de sozinha compreender a realidade. Ou seja, a interdisciplinaridade é sinônimo de abertura para o diferente.

O trabalho em equipe interdisciplinar tornou-se uma necessidade devido a complexidade cada vez maior da realidade, mas também um desafio em face do neoliberalismo e do processo de reestruturação produtiva marcados pela destituição de direitos, pelo desemprego e pela fragilidade da inserção laboral, ante a competitividade que o mercado de trabalho impõe sobre os trabalhadores. No entanto torna-se um confronto constante tentar romper com as barreiras que limitam as possibilidades de realizar esse tipo de trabalho, posto que muitas vezes essa questão fica relegada apenas a vontade de alguns profissionais que almejam um trabalho mais comunicativo e que de alguma maneira possa romper com as barreiras da especialização.

Refletir sobre o trabalho em equipe interdisciplinar faz com que repensemos não somente a maneira como os processos de trabalho se desenrolam, mas toda a conjuntura histórica e social ao qual os profissionais encontram-se submetidos, bem como a lógica destrutiva do capital que deturpa a ideia do trabalho em equipe interdisciplinar a seu bel proveito, interferindo diretamente nas possibilidades de

concretização desse método de trabalho. Nessa lógica, os processos de trabalho estão confrontados por diversos entraves: institucionais, pessoais, culturais, sociais, econômicos, entre outros.

Mesmo diante dessas dificuldades, foi possível apreender o quão importante é o trabalho em equipe numa perspectiva interdisciplinar na busca por romper com ações fragmentadas e que não contemplam as necessidades dos usuários, porém sabe-se que ela sozinha não será capaz de transformar o modo de trabalho. Em visto disso é que faz-se necessário uma abordagem histórico-social de equipe interdisciplinar na busca por considerar novas formas de trabalho capazes de transpor os limites impostos pela dinâmica social. A interdisciplinaridade é uma necessidade, mas demanda condições sociais adequadas para a sua realização.

Na falta dessas condições, no capitalismo reestruturado, o trabalho em equipe pode ser um canal para a materialização das desigualdades histórico/sociais ao qual os trabalhadores e usuários estão submetidos. Por isso, é importante frisar a potencialidade que o assistente social tem de contribuir para os processos de trabalho em equipe interdisciplinar, na medida em que o mesmo é capaz de fazer uma leitura crítica da realidade, levando em consideração o contexto histórico e social e os rebatimentos do mesmo nos processos de trabalho e na vida dos sujeitos. Tem o Serviço Social o potencial de contribuir com um trabalho em equipe verdadeiramente solidário e democratizante.

Como estratégias de fomento ao trabalho em equipe, sugere-se que:

- a) A visualização dos resultados do trabalho é importante estímulo à cooperação, em consequência de o trabalho especializado já não dar mais conta da complexidade da realidade em comparação com o trabalho em parceria;
- b) Que o trabalho em equipe interdisciplinar colabora para uma melhor clareza das atribuições e papéis profissionais, em virtude de que os trabalhadores da equipe necessitam saber o trabalho que cada membro desenvolve;
- c) Que contribui para a organização de aspectos burocráticos-administrativos, assim como, os supõem, como por exemplo, a elaboração de um quadro com dados da alta do paciente, aspecto que tende a colaborar para os trabalhos em conjunto, melhorando o fluxo de informação e comunicação entre os profissionais.

Juntamente a isso, a abertura de espaços de discussão e troca, bem como, para o cultivo de uma identidade coletiva de modo que os profissionais possam se reconhecer como pertencentes a esse corpo coletivo, favorece o trabalho em parceria. Para além disso, este tipo de trabalho suaviza a carga sobre os trabalhadores na medida em que os profissionais trabalham em conjunto, somando forças e criando possibilidades de melhorar os processos de trabalho. Finalmente, na perspectiva de uma gestão social democrática, o trabalho coletivo é compreendido como uma estratégia para enfrentar o individualismo, a fragmentação e o isolamento da classe trabalhadora e não para colocar trabalhador contra trabalhador.

A contribuição do serviço social, em conformidade com CFESS (2010, p. 46), “o assistente social, ao participar de trabalho em equipe [...], dispõe de ângulos particulares de observação na interpretação [...] e uma competência também distinta para o encaminhamento das ações”. Os assistentes sociais possuem uma formação generalista que contribui para a solidariedade e cooperação com outras áreas do conhecimento, fazendo desses profissionais peças chaves em um trabalho em equipe interdisciplinar. Além disso, os assistentes sociais realizam uma leitura do contexto social, da estrutura e da conjuntura, sendo capazes de perceber essa equipe no contexto sócio-histórico, de forma a encaminhar processos de organização e mobilização intra e inter equipes.

Assim sendo, este trabalho que consistiu em uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico, procurou não somente discorrer sobre os limites e possibilidades do trabalho coletivo, mas sobretudo trazer questões que possam ser estudadas posteriormente, devido a necessidade de se pensar processos de trabalho compartilhados, levando em consideração o contexto histórico e social. Para tanto, seria possível aprofundar a pesquisa sobre o trabalho em equipe como autogestora dos processos de trabalho, pois em conformidade com Filho e Gurgel (2016, p. 253), “é a autogestão o modelo mais avançado de organização decisória”. Aqui os membros da equipe teriam o gerenciamento e o domínio inteiramente, sobre o trabalho em equipe, de maneira que equilibrariam força com as chefias das instituições.

REFERÊNCIAS

ALBERTO, Maria de Fátima Pereira et al. **Dinâmicas de grupo: instrumentos no processo de formação de agentes sociais.** [Paraíba]: Universidade Federal da Paraíba, [20--?]. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/lcbeu_anais/anais/trabalho/dinamicas.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ALENCAR, M. M. T. de; **O trabalho do assistente social nas organizações privadas não lucrativas.** In: BOSCHETTI, I. S.; BEHRING, E. R. (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília/DF, CFESS, 2009. Disponível em: <<http://www.poderesocial.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/4.6-O-trabalho-do-assistente-social-nas-organiza%C3%A7%C3%B5es-privadas-n%C3%A3o-lucrativas-%E2%80%93-M%C3%B4nica-Alencar.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ALMEIDA FILHO, N. **Transdisciplinaridade e saúde coletiva.** Rio de Janeiro. Ciência & Saúde Coletiva, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v2n1-2/1413-8123-csc-02-1-2-0005.pdf>> Acesso em 18 nov. 2018.

AMARAL, Â. S. do; CESAR, M. de J. **O Trabalho do Assistente Social nas Fundações Empresariais.** In: BOSCHETTI, I. S.; BEHRING, E. R. (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília/DF, CFESS, 2009. Disponível em: <<http://www.poderesocial.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/4.5-O-trabalho-do-assistente-social-nas-funda%C3%A7%C3%B5es-empresariais-%E2%80%93-Angela-Santana-do-Amaral-e-Monica-Cesar.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. ed. Boitempo, São Paulo, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Dimensões da crise e metamorfoses do mundo do trabalho.** In: Rev. Serviço Social & Sociedade. n. 50, ano XVII, abril 1996.

BARROS, A. T. **A natureza interdisciplinar da Comunicação e o novo cenário da produção de conhecimento.** Ciberlegenda, n. 9. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/d8cfd498eb9c43df5389452d078dcf0a.PDF>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil,** 1988.

BUSS, P. M. **Uma introdução ao conceito de promoção da saúde.** In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, e tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/149918/mod_resource/content/1/conceitos%20Buss.pdf> Acesso em: 18 de nov. 2018.

CFESS. **Código de Ética do Assistente Social. Lei 8662/93.** 10ª. Ed. Brasília, 2012.

CFESS. **Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Saúde.** [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2010]. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros para a Atuacao de Assistentes Sociais na Saude.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/Parametros%20para%20a%20Atuacao%20de%20Assistentes%20Sociais%20na%20Saude.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CARRIJO, D.; PORTO, É. L.; BERTANI, Í. F. **Ensaio sobre tema da prática do serviço social na área da saúde: a interdisciplinaridade.** Rev. Serviço Social & Saúde, Campinas, v. 2, n. 2, p. 39-54, 2003.

COSTA, R. P. **Interdisciplinaridade e equipes de saúde: concepções.** Rev. Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 107-124, julho 2007.
ELY, F. R. **Serviço Social e Interdisciplinaridade.** Rev. Katálysis. Florianópolis v. 6, n. 1, p. 113-117, jan./jun. 2003.

ETGES, N. J. **Ciência, interdisciplinaridade e educação.** In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito. 9.ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: Um projeto em parceria.** Ed. Loyola, São Paulo, 1991.

FILHO, R. S. de; GURGEL, C. **Gestão democrática e Serviço Social: princípios e propostas para a intervenção crítica.** São Paulo: Cortez, 2016.

FORTUNA, C. M. et al. **O trabalho de equipe no Programa de Saúde da Família: reflexões a partir de conceitos do processo grupal e de grupos operativos.** Rev. Latino-am. Enfermagem, 13(2): 262-268, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a20.pdf>>. Acesso em: 18 de nov. 2018.

FRIGOTTO, G. **A Interdisciplinaridade como Necessidade e como Problema nas Ciências Sociais.** In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito. 9.ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel.** ed. Boitempo, São Paulo, 1999.

GUERRA, Y.; ORTIZ, F. S. G. da; VALENTE, J.; FIALHO, N. **O Debate Contemporâneo da “Questão Social”.** III Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís – MA, 2007.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na cena contemporânea.** In: BOSCHETTI, I. S.; BEHRING, E. R. (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília/DF, CFESS, 2009. Disponível em: <<http://www.poderesocial.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/1.1-O-Servi%C3%A7o-Social-na-cena-contempor%C3%A2nea-%E2%80%93-Marilda-Vilela-Iamamoto.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

IAMAMOTO, M. V. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, M. V. **As Dimensões Ético-Políticas e Teórico- Metodológicas no Serviço Social Contemporâneo**. In: MOTA, A. E.; Bravo, M. I. de S.; UCHÔA, R.; NOGUEIRA, V.; MARSIGLIA, R.; GOMES, L.; MARLENE, T. Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional. São Paulo: Cortez, 2009, p. 161-196.

IAMAMOTO, M. V. **“Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social”**. Serviço Social (2010): 341-375.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. **Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito**. 9.ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLEIN, J. T. **Interdisciplinarity: history, theory and practice**. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MACEDO, P. C. M. **Desafios atuais no trabalho multiprofissional em saúde**. Rev. SBPH. v. 10, n. 2, Rio de Janeiro, dez. 2007.

MANGINI, F. N. R. da; MIOTO, R. C. T. **A interdisciplinaridade na sua interface com o mundo do trabalho**. Rev. Katálysis. Florianópolis v. 12, n.2, p. 207-215, jul./dez. 2009.

MARQUES, M. T. C.; RAMALHO, M. P. **Os movimentos ecológicos e a interdisciplinaridade**. In: SEVERINO, J. A. et al.; SÁ, J. L. M. de (Org.). Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MIOTO, R. C. **Orientação e acompanhamento social a indivíduos, grupos e famílias**. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília, CFESS/ABEPSS, 2009. Disponível em: <<http://www.poteresocial.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/5.2-Orienta%C3%A7%C3%A3o-e-acompanhamento-social-a-indiv%C3%ADduos-grupos-e-fam%C3%ADlias-%E2%80%93-Regina-C%C3%A9lia-Mioto.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2018.

MOREIRA, C. F. N. **O trabalho com grupo em serviço social: a dinâmica de grupo como estratégia para a reflexão crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MONTAÑO, C. **“Pobreza, “questão social” e seu enfrentamento”**. Serviço Social e sociedade 110 (2012).

MUELLER, R. R.; BIANCHETTI, L.; JANTSCH, A. P. **Interdisciplinaridade, pesquisa e formação de trabalhadores**: as interações entre o mundo do trabalho e da educação. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito. 9.ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NOGUEIRA, V. M. R. **A importância da equipe interdisciplinar no tratamento de qualidade na área da saúde**. Rev. Katálysis. Florianópolis v. 0, n. 3, p. 40-48, 1998.

PEDUZZI, M. **Equipe multiprofissional de saúde**: conceito e tipologia. Rev. Saúde Pública 35 (1): 103-9, 2001.

PEDUZZI, M. **Trabalho em equipe**. In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. 2 ed. Rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l43.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2018.

POMBO, O. **Epistemologia da Interdisciplinaridade**. Rev. Ideação, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p.9-40, 2008.

PORTO, M. F. S. de; ALMEIDA, G. E. S. de. **Significados e limites das estratégias de integração disciplinar**: uma reflexão sobre as contribuições da saúde do trabalhador. Ciência & Saúde Coletiva, 7 (2): 335-347, 2002.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade**: Conceitos e distinções. 2.ed. Ver. Caxias do Sul, Rs: Educs, 2008.

RAICHELIS, R. **O trabalho do assistente social na esfera estatal**. In: BOSCHETTI, I. S.; BEHRING, E. R. (Org.). Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília/DF, CFESS, 2009. Disponível em: <<http://www.poderesocial.com.br/site/wp-content/uploads/2017/08/4.2-O-trabalho-do-assistente-social-na-esfera-estatal-%E2%80%93-Raquel-Raichelis.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

SAMPAIO, C. C. et al. **Interdisciplinaridade em questão**: análise de uma política de saúde voltada à mulher. In: SEVERINO, J. A. et al.; SÁ, J. L. M. de (Org.). Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERINO, J. A. **Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade**. In: SEVERINO, J. A. et al.; SÁ, J. L. M. de (Org.). Serviço Social e Interdisciplinaridade: dos fundamentos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, L. B.; MENDES, A. G. **Serviço Social, Saúde e a Interdisciplinaridade: algumas questões para o debate**. In: SILVA, L. B.; RAMOS, A. (Orgs.). Serviço Social, Saúde e Questões Contemporâneas: reflexões críticas sobre a prática profissional. Campinas, SP: Papel Social, 2013.

SILVA, I. Z. de Q. J. da; TRAD, L. A. B. **O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais.** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n. 16, p. 25-38, set.2004/fev. 2005.

SILVA, M. M. da; LIMA, T. C. S. de. **Serviço social e a interdisciplinaridade na atenção básica à saúde.** In: Revista Serviço Social & Saúde. Campinas, São Paulo. v.11, n.1 (13), jan./jun. 2012, p.113-132.

SOUSA, C. T. de. **A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional.** Emancipação, Ponta Grossa, 8(1): 119 -132, 2008.

VASCONCELOS, E. M. **Serviço Social e interdisciplinaridade: o exemplo da saúde mental.** In: VASCONCELOS, E. M. et. al. Saúde mental e serviço social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.